

fato

91 e razão

Setembro 2015

Conselho Diretor Nacional

Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira

Maria Inês e Gerson Pereira Pepe

Marisa e José Galdino Ulysses

Raimunda e Francisco de Assis Rocha

Albuquerque

Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação

Hélio Amorim

Arlete e João Borges

Itamar David Bonfatti

Jesuliana do Nascimento Ulysses

Maria do Carmo Freitas Schmitz

Marly e José Maurício Guedes

Rita e Luiz Carlos Torres Martins

Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos

Francione e Ricardo R. Werneck

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68

cep 36010-520 Juiz de Fora-MG

Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 18:00h

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão Gráfica Santa Rita

Rua N. Sra. de Lourdes, 425 36070-450 -

Juiz de Fora - MG

Telefone: (32)3215-7060

orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação Anderson Nogueira -

amarartesvisuais@gmail.com

e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

Todo cuidado é pouco — 2
Helio Amorim

Cadeias: depósitos de 'lixo humano' (leia: de pobres) — 4
Frei Marcos Sassatelli

Como nasce uma notícia falsa — 6

Consultório bíblico — 8

Felicidade e prazer — 10

Jorge La Rosa

Felicidade não se compra, mas — 12

certamente se treina

Matthieu Ricard

Sobre o cuidado da Casa Comum — 14

Helio Amorim

Moralizar os pobres — 17

Adriana Facina

Nossa época — 19

O compromisso com o outro: um

exercício de cidadania e fé na vida — 24

Luiz Carlos Torres Martins

Os avós — 26

'País deveria se orgulhar do BNDES' — 28

As muitas opções políticas e seus

humores — 30

Leonardo Boff

SUPLEMENTO ESPECIAL — 33

O Festival sob os olhos de Pe.Manu — 49

Juventude como protagonista da

cultura da paz — 51

Por uma constituinte exclusiva — 52

Sobre ideologia de gênero na

educação — 55

Uma conversa com Deus — 57

Programa Nacional de Formação à

Distância — 59

EDITORIAL

Todo cuidado é pouco

Helio Amorim

É muito grave e preocupante o cenário econômico atual na América Latina e na Europa. O desemprego dispara para as alturas sem deixar esperanças. As causas são comuns e os efeitos se alastram pelos países mais atingidos pela crueldade da lógica do modelo econômico que sacrifica mais de metade das suas populações.

Uma bolha explodiu na Europa: a Grécia, sufocada pela cobrança da União Europeia, de sua dívida de origem discutível realizou um plebiscito histórico em que a população decidiu denunciá-la como ilícita. Veríssimo, em sua crônica dominical, denuncia que a alemã Angela Merkel comanda, inflexível, essa cobrança, “mais preocupada com a saúde dos bancos credores do que com a saúde de populações inteiras privadas de assistência social pela austeridade forçada”.

Uma das maiores autoridades em Dívida Pública, com renome internacional, a brasileira Maria Lucia Fattorelli, que coordena a Auditoria Cidadã da Dívida, com atuação em diversos países, a convite do Parlamento Grego analisou a situação da Grécia e relatou um fato surpreendente. Aquele país nada recebeu para ter que pagar. Nenhum dinheiro entrou na Grécia, mas os governos coniventes assumiram estes papéis como dívida, ou seja, para pagar o capital

nominal, os juros e todos os encargos desta transação.

O sistema financeiro, neste caso restrito aos bancos e instituições europeias, ficaram com um mar de títulos impagáveis, papéis podres, na crise de 2008. Presionaram os Governos Nacionais a dar uma solução, evitando a quebraadeira geral que ocorreria. Foi então criada em Luxemburgo uma empresa que emitiria novos títulos lastreados pelo títulos podres e que seriam usados para “garantir a estabilidade fiscal”, denuncia Pedro Pinho, em dura análise. Na verdade eles serviam apenas para o resgate de bancos privados com o risco de toda a economia do país, embora todo o empréstimo desses papéis podres apenas tenham servido para maquiagem as contas bancárias. E acrescenta “Pessoas com boa formação intelectual e facilidade de acesso às informações se retraem quando o assunto é a economia. Este é o desejo dos que manipulam as

finanças. O capital financeiro não deseja que suas ações sejam conhecidas, desvendadas pois provocaria uma enorme repulsa na sociedade”.

Um detalhe, lembrado por Veríssimo: a Alemanha, agora a mais rica economia europeia, teve perdoadada sua dívida total da primeira guerra mundial (1934), e de 60% da dívida da segunda guerra (1953), “uma generosidade muito maior do que os gregos pedem agora”.

A história é longa e não cabe nestas páginas. A Auditoria jamais realizada da dívida brasileira revelaria certamente algo muito parecido em nosso País. O Equador pediu ajuda a Auditores Internacionais Independentes e reduziu drasticamente seu débito financeiro. O Brasil, ao contrário, sacrifica a população com uma retração econômica violenta, parando literalmente o país, zerando as obras públicas com uma avalanche de demissões e disparada dos índices de desemprego. Apenas começou e a tragédia vai prosseguir gerando dor, miséria, desespero por tempo indeterminado.

Ao pisar em solo equatoriano, o Papa lembrou que no Evangelho é possível encontrar “as chaves” para “enfrentar os desafios atuais, valorizando as diferenças, fomentando o diálogo e a participação sem exclusões”. Isso permitirá que “as conquistas no progresso e no desenvolvimento que estão sendo conseguidas garantam um futuro melhor para todos, dando atenção especial aos nossos irmãos mais frágeis e às minorias mais vulneráveis, que são a dívida que toda a América Latina ainda tem”, declarou. Em discursos na viagem, ele criticou a “fé não solidária” e “mentirosa” de quem vai à missa, mas não sabe o que ocorre nas periferias. No Paraguai, ele pediu aos mais oprimidos que mudem a ordem econômica mundial. Também alertou sobre os danos irreversíveis do meio ambiente do planeta, e pediu aos paraguaios para trabalhar na consolidação de uma democracia que respeite os direitos humanos.

Helio Amorim é engenheiro e membro do MFC do Rio de Janeiro





*Artigo condensado de
texto mais extenso de
Frei Marcos Sassatelli*

O Sistema Prisional do Brasil é uma das mais vergonhosas calamidades públicas do país. A desumanidade chega ao fundo do poço. Salvo raríssimas exceções, as cadeias são depósitos de "lixo humano" (leia: pobres).

Mesmo que a realidade de outros Estados seja muito parecida, cito como exemplo ilustrativo o caso de Goiás. No Estado de Goiás, a situação da Colônia Agroindustrial do Regime Semiaberto, que integra o Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia, na região metropolitana da capital, é tão grave que não dá para acreditar.

A unidade prisional, nas condições em que tem funcionado, viola a dignidade humana e os direitos assegurados aos presos pela Constituição Federal, sobretudo em relação às condições sanitárias, de higiene, de saúde e de alimentação. (...)

A quase totalidade dos presos é pobre e, entre os pobres, a maioria é negra. A discriminação racial ainda existe. Os maiores criminosos da sociedade capitalista neoliberal na qual vivemos são ricos e não vão para a cadeia.

Nessa sociedade, a cadeia - mesmo que se diga o contrário - só existe para os pobres. Os ricos são sempre pessoas honradas, "pessoas de bem".

Quando um rico é preso (o que acontece muito raramente), colo-

cam-no em cela especial e logo encontram uma justificativa legal para livrá-lo da cadeia ou conceder-lhe a "prisão domiciliar" com todas as mordomias. Alguém já viu pobre em "prisão domiciliar"? Onde é que todos são iguais perante a lei?

Que sociedade hipócrita!

No dia 29 de maio do corrente ano, a Pastoral Carcerária da Arquidiocese de Goiânia fez mais uma denúncia à ouvidoria do Departamento Penitenciário Nacional (Depen) e à Secretaria de Direitos Humanos da presidência da República a respeito da superlotação no Centro de Triagem, no Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia. Segundo a denúncia, que foi confirmada por agentes prisionais, "havia - no dia 28 de maio passado - 550 presos amontoados na unidade, que tem 212 vagas".

Certamente não havia nenhum rico entre eles! Os ricos devem ser todos "santos"! (...)

Há anos, as promessas são muitas, mas as mudanças não acontecem. Na prática - embora em teoria se diga sempre o contrário - o desinteresse do Poder Público é total.

Os pobres - mais ainda se forem negros - não contam. São sobras, são descartáveis, são lixo, que não serve nem para ser reciclado.

Se os governantes e parlamentares (senadores, deputados federais e estaduais) fossem obrigados - mesmo só por alguns dias - a morar e trabalhar nos presídios do Brasil (como, aliás, muitos mereceriam), será que não encontrariam logo uma solução para a situação desumana e humilhante em que se encontram esses presídios?

O Governo de Goiás - em vez de lavar as mãos diante da situação degradante dos nossos irmãos e irmãs presos, tentando, pela terceira vez, terceirizar (leia: privatizar) a gestão do Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia - deveria assumir sua responsabilidade e tomar com urgência as providências necessárias. Chega de conversa fiada! Queremos fatos! Mudança do Sistema Prisional Brasileiro, já!

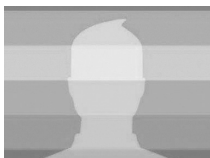
Fr. Marcos Sassatelli é Frade dominicano. Doutor em Filosofia (USP) e em Teologia Moral (Assunção - SP), Professor aposentado de Filosofia da UFG

Por ser ateu e não acreditar em uma razão para estarmos aqui, tive uma vida muito triste, sem esperança.

Woody Allen



Como nasce uma notícia falsa



Moda de adicionar cores da bandeira gay à foto do Facebook abriu debate sobre o que é verdade na internet

O Facebook virou arco-íris. Para celebrar a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos sobre o casamento gay, milhões de pessoas publicaram fotos multicoloridas em seus perfis usando uma ferramenta criada pela própria rede social.

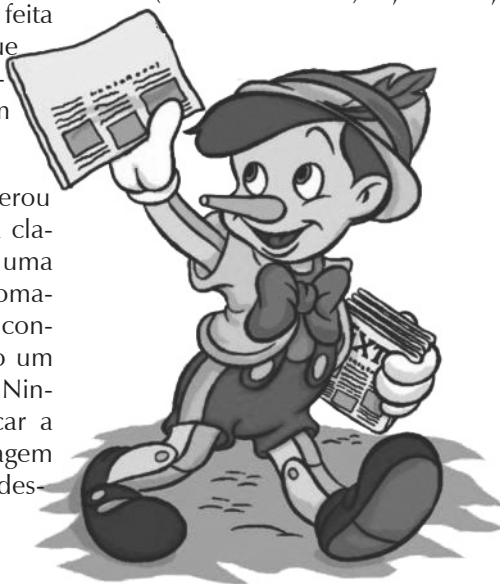
A festa logo deu lugar a preocupação. Seria tudo um experimento? Estaria a rede social avaliando quem nos influencia e monitorando nossas preferências políticas? A dúvida virou certeza quando inúmeros sites começaram a citar um professor do MIT, César Hidalgo, como fonte que comprovava que tudo era um experimento da empresa de proporções globais.

Só um problema: César Hidalgo – a fonte que supostamente confirmava tudo – nunca foi questionado sobre o assunto.

A culpa, segundo o próprio César, foi do jornal inglês “Daily Mail”, tabloide especializado em notícias de celebridade e temas apelativos. O veículo copiou uma análise feita pela revista “The Atlantic”, que citava uma brincadeira de César: “Isso é provavelmente um experimento do Facebook”.

O “Daily Mail” desconsiderou que o texto de Hidalgo dizia claramente que a afirmação era uma piada e afirmou que um renomado especialista do MIT havia confirmado que tudo era mesmo um experimento do Facebook. Ninguém o procurou para checar a afirmação (detalhe: a reportagem usava a foto de César como destaque da notícia).

Só que eles mexeram com a pessoa errada. César é especialista em ciência da informação e passou a monitorar a viralização da notícia falsa. Constatou que mais de 20 mil páginas de texto foram publicadas na internet reproduzindo o “Daily Mail”, espalhando-se por vários países (inclusive o Brasil). E, é claro,



tudo foi também intensamente compartilhado no próprio Facebook.

Para piorar, quando César publicou um texto relatando a farsa, o jornal inglês fez o impensável. Editou e mudou a própria matéria que havia publicado dias atrás para tentar mitigar a confusão.

Ele expressa nas suas próprias palavras uma lição aprendida. “O triste de tudo isso é ver que, no ambiente atual, a maioria das mídias on-line não se importa em construir qualquer relação de confiança ou reputação com a audiência. Tudo com que se importam é colher cliques de qualquer pessoa, explorando seus medos. Algumas estão dispostas até mesmo a mentir para conseguir mais cliques. Apelar para

o medo é um dos truques mais velhos do mau jornalismo.”

O caso lembra a necessidade de se ampliar o debate sobre teoria da mídia (“media literacy”). A começar por sempre fazer seis perguntas sobre qualquer informação: Quem criou a mensagem? Quais técnicas foram usadas para atrair minha atenção? Que estilos de vida ou valores são apresentados ou omitidos na mensagem? Por que essa notícia foi compartilhada? Como outras pessoas podem entender essa informação de modo diferente de mim?

Se quiser, você pode começar a fazer essas perguntas sobre o meu próprio artigo.

Transcrito da Folha de São Paulo

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 17:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.

CONSULTÓRIO BÍBLICO



Laura Schlessinger é uma conhecida locutora de rádio nos Estados Unidos. Ela tem um desses programas interativos que dá respostas e conselhos aos ouvintes que a chamam ao telefone. Recentemente, perguntada sobre a homossexualidade, a locutora disse que se trata de uma abominação, pois assim a Bíblia o afirma no livro de Levítico 18:22. Um ouvinte escreveu-lhe então uma carta que vou transcrever: “Querida dra. Laura: Muito obrigado por se esforçar tanto para educar as pessoas segundo a Lei de Deus. Eu mesmo tenho aprendido muito do seu programa de rádio e desejo compartilhar meus conhecimentos com o maior número de pessoas possível. Por exemplo, quando alguém se põe a defender o estilo homossexual de vida, eu me limito a lembrar-lhe que o

livro Levítico, no capítulo 18, versículo 22, estabelece claramente que a homossexualidade é uma abominação. E ponto final...Mas, de qualquer forma necessito de alguns conselhos adicionais de sua parte a respeito de ou leis bíblicas concretamente e sobre a forma de cumpri-las:

Gostaria de vender minha filha como serva, tal como o indica o livro de Êxodo, 21:7. Nos tempos em que vivemos, na sua opinião, qual seria o preço adequado?

O livro de Levítico 25:44 estabelece que posso possuir escravos tanto homens quanto mulheres, desde que sejam adquiridos de vizinhos. Um amigo meu afirma que isso só se aplica aos mexicanos, não aos canadenses. Será que a senhora poderia esclarecer esse ponto? Por

que não posso possuir canadenses?

Sei que não estou autorizado a ter qualquer contato com mulher alguma no seu período de impureza menstrual (Lev. 18:19, 20:18, etc.). O problema que se me coloca é o seguinte: como posso saber se as mulheres estão menstruadas ou não? Tenho tentado perguntar-lhes, mas muitas mulheres são tímidas e outras se sentem ofendidas.

Tenho um vizinho que insiste em trabalhar no sábado. O livro Êxodo 35:2 claramente estabelece que quem trabalha nos sábados deve receber a pena de morte. Isso quer dizer que eu, pessoalmente, sou obrigado a matá-lo? Será que a senhora poderia, de alguma maneira, aliviar-me dessa obrigação aborrecida?

No livro de Levítico 21:18-21 está estabelecido que uma pessoa não pode se aproximar, do altar de Deus se tiver algum defeito na vista. Preciso confessar que eu preciso de óculos para ver. Minha acuidade visual tem de ser 100% para que eu me aproxime do altar de Deus? Será que se pode abrandar um pouco essa exigência?

A maioria dos meus amigos homens tem o cabelo bem cortado, muito embora isto esteja claramente proibido em Levítico 19:27.

Como é que eles devem morrer?

Eu sei, graças a Levítico 11:6-8, que quem tocar a pele de um porco morto fica impuro. Acontece que adoro jogar futebol americano, cujas bolas são feitas de pele de porco. Será que me será permitido continuar a jogar futebol americano se usar luvas?

Meu tio tem uma granja. Deixa de cumprir o que diz Levítico 19:19, pois planta dois tipos diferentes de sementes no mesmo campo, e também deixa de cumprir a sua mulher, que usa roupas de dois tecidos diferentes, a saber, algodão e poliéster. Além disso, ele passa o dia proferindo blasfêmias e maldizendo. Será que é necessário levar a cabo o complicado procedimento de reunir todas as pessoas da vila para apedrejá-los? Não poderíamos adotar um procedimento mais simples, qual seja, o de queimá-los numa reunião privada, como se faz com um homem que dorme com a sua sogra, ou uma mulher que dorme com o seu sogro (Levítico 20:14). Sei que a senhora estudou esses assuntos com grande profundidade de forma que confio plenamente na sua ajuda. Obrigado de novo por recordar-nos que a Palavra de é eterna e imutável."

Extraído do livro "Ostra feliz não faz pérola" de Rubem Alves

Se eu souber onde estou, posso saber para onde quero ir...

Charles Chaplin

Felicidade e prazer

Jorge La Rosa*

É indiscutível que todos querem ser felizes. Diferentes são as concepções de felicidade, assim como os meios que a propiciam. O prazer é um meio que torna as pessoas felizes. Muitas pessoas buscam a felicidade através do prazer, e enviam esforços para alcançá-lo. Apreciamos o prazer, dá sabor à existência. A cerveja pode proporcionar prazer, seu uso comedido e eventual é saudável; outra é a situação quando o consumo é desmedido e frequente, levando ao alcoolismo, deteriorando as funções mentais, comprometendo a saúde, frustrando a realização profissional, desestruturando a família, impedindo a consecução de outros objetivos. O que proporcionava prazer, pelo uso desmedido, desemboca em desprazer e sofrimento; para as drogas psicoativas vale raciocínio idêntico: proporcionam prazer, mas por suas propriedades geram dependência e destroem a saúde.

A busca de prazer envolve a questão dos meios para conseguir-lo, sua conveniência e as consequências para o organismo. Se promoverem a vida e a expandirem, utilizaremos os meios de forma adequada; se, ao contrário, frustrarem esses objetivos, pelo uso desmedido



ou pela natureza dos mesmos, evitaremos o abuso, assim como as substâncias nocivas ao organismo, ainda que produtoras de prazer. Ou em termos freudianos, o id (isso) deve ser satisfeito de forma adequada, não podendo frustrar os objetivos do ego (eu) nem violar os valores e normas do superego (supereu).

Há outras formas de prazer, aquela que resulta da leitura de uma poesia e desperta emoções estéticas, ou da leitura de um livro; há o prazer proveniente de uma aprendizagem nova ou do vislumbre de uma nova perspectiva para uma questão antiga; sempre que o intelecto se expande, o prazer se instaura. Importantíssimo buscar os prazeres que o intelecto proporciona e que, em termos absolutos, não têm limites. Os enxadristas têm prazer imenso quando realizam jogada genial e dão cheque mate. O prazer

de uma criança que se alfabetiza e amplia sua leitura do mundo. Jesus exultou de prazer ao observar que o Pai revelara coisas importantes aos pequeninos e não aos que se consideravam sábios e entendidos (Lucas 10,21-22).

Há o prazer oriundo de sons que nos deleitam, pode ser o canto de um pássaro ou sinfonia de Beethoven; pode ser voz de amigo que há muito não víamos e que percebemos antes de visualizá-lo; prazer de ouvir criança a gargalhar, de ouvir nossa(s) música(s) preferidas(s).

Há o prazer ligado aos olhos. Contemplação de paisagens, de rostos amigos, de um Van Gogh, de flor se abrindo, de lua cheia projetada sobre o mar...

O prazer é proporcionado de múltiplas formas. Há aquele que resulta da oração e união com Deus.

A maioria das pessoas sente paz quando reza, se unifica, e o prazer é um de seus correlatos. Há pessoas que entram em verdadeiro êxtase na oração, os místicos falam dessa experiência. São Paulo a vivenciou e relatou em 2 Coríntios 12, 2-4. Santa Teresa de Ávila trata dessa experiência em seus escritos.

Das considerações feitas observamos que uma forma de ser feliz é usufruir os prazeres que Deus criou e oferece no cotidiano, prazeres que estão aí, pelos quais muitas vezes passamos desatentos, sem usufruir e por isso mesmo sem agradecer.

Abrir o coração para os prazeres do cotidiano, preparando-o para a fruição do prazer máximo, a visão de Deus, um objetivo a ser conquistado.

Jorge La Rosa é Professor universitário, doutor em Psicologia

Livre, leve e louca

A gente podia poder costurar o tempo, bordando em cima dos erros para que eles sumissem.

Costurar as pessoas que gostamos pertinho, costurar os domingos um mais perto do outro, costurar o amor verdadeiro no peito de quem a gente ama, costurar a verdade na boca dos seres. Costurar a saudade no fundo de um baú, para ela não fugir. Costurar a auto-estima lá em cima, para nunca cair. Costurar o perdão na alma e a bondade na mão. Costurar o bem no bem e o bem sobre o mal, costurar a saúde na enfermidade e a felicidade em todo lugar e ir costurando a vida, um pouquinho de esperança em cada dia e muita coragem em cada ser humano



Janaína Cavallin



Não existe base científica para dizer quem é a pessoa mais feliz do mundo. Felicidade é bem-estar, não é busca incessante por sensações prazerosas. Tudo bem querer sentir prazer, mas é algo efêmero. Felicidade é outro negócio: é realização, satisfação e florescimento. Felicidade é consequência de várias qualidades, entre elas a liberdade interior. Não liberdade para você fazer o que quiser, mas em relação a pensamentos que escravizam, como obsessões, ganância, raiva, ciúmes, arrogância. Depois de quinze anos de trabalhos acadêmicos, cheguei à conclusão de que o ALTRUÍSMO é a mais importante das qualidades que compõem a felicidade.

Vivemos num mundo em que parece haver mais individualismo, ganância, individualismo e corrupção do que altruísmo. Entretanto, a gente subestima enormemente o fato de que, na vida cotidiana, há muito mais gestos de bondade e gentileza do que de agressividade

de ou maldade. Não prestamos a atenção no fato de que as pessoas se reúnem nas ruas e no trabalho sem se “estapear” frequentemente. Entretanto, quando duas pessoas brigam, isso é assunto para o “mês inteiro”. O cotidiano mostra que a gentileza predomina na maior parte do tempo.

Assim, a ideia de que o ser humano é individualista e egoísta não encontra respaldo. Uma pesquisa feita em 35 países sobre os dez fatores que mais contribuíram para o bem estar das pessoas mostrou, em primeiro lugar a “qualidade das relações sociais” e isso tem a ver com comportamentos altruístas. Curiosamente, a riqueza ficou apenas em sexto lugar.

- É possível treinar o altruísmo? É algo que deveria ser ensinado nas escolas?

Com certeza. Segundo o pensador há estudos mostrando que crianças que recebem treinamento



três vezes por semana, por 40 minutos, incluindo atividades de co-
operação e meditação, após dez
semanas mostram que o compor-
tamento se altera e a discriminação
com quem é diferente diminui.
Destaque-se que a meditação apre-
sentada às crianças é secular, Não
há religião envolvida. Acabei de
voltar de um laboratório de neuro-
ciência nos EUA, onde são estuda-
das mudanças no cérebro daqueles
que praticam meditação. O resulta-
do: 20 minutos diários por um mês
já modificam a estrutura e o fun-
cionamento do cérebro, ativando
áreas ligadas a emoções positivas e
o volume das áreas ligadas à apre-
ndizagem e ao controle emocional.

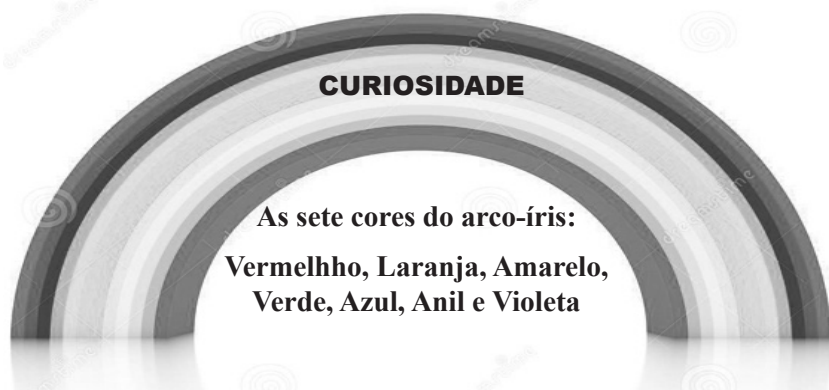
É importante desmistificar o
conceito de meditação visto como
algo exótico. Meditar não é esva-
ziar a mente e relaxar. A palavra
em sânscrito e em tibetano significa
cultivar. MEDITAR É CULTIVAR UM
ESTADO MENTAL. É UM TREINO.
O SEGREDO É PRATICAR. Nin-
guém espera tocar piano sem trei-
no. Por que esperar que compai-
xão, altruísmo liberdade interior e

concentração ocorram magicamen-
te? – Não faz sentido.

O budismo enfatiza muito o trei-
namento da mente. Pesquisas feitas
com eletroencefalograma e com
máquinas de ressonância magnéti-
ca estão apontando para os efeitos
desse treinamento no cérebro, no
sistema imunológico e na diminui-
ção de doenças como a depressão.

Não há mistério. Treine de novo
e de novo. Se o pensamento desa-
parece, você o reativa. Se a mente
distrai, você a traz de volta. Cinco,
dez, vinte minutos diários. ISTO É
MEDITAÇÃO. Quanto mais prati-
car, mais significativas serão as mu-
danças no cérebro e no seu com-
portamento.

*Matthieu Ricard é Doutor em bio-
logia molecular, há 40 anos abandonou
a carreira e se mudou para a região
do Himalaia, onde se transformou
em monge. É de sua autoria o livro
"A Revolução do altruísmo sobre
como a meditação secular altera as
funções cerebrais, ativando as áreas
ligadas às emoções positivas".*



Sobre o cuidado da Casa Comum

Helio Amorim

Nos 245 parágrafos da encíclica, com demonstração de sua sabedoria, alternando preocupações e esperanças sobre o futuro do nosso planeta e da vida humana frente a degradação ambiental provocada pelos homens, o papa Francisco nos alerta para nossas responsabilidades na reversão desse quadro ameaçador. “Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós”, ele afirma. Reconhece que já se percorreu um longo e rico caminho, “gerando muitas organizações de cidadãos que ajudaram na conscientização sobre as ameaças decorrentes das agressões ao meio ambiente mundo afora”.

Entretanto constata que infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse dos outros. “As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada



ou à confiança cega nas soluções técnicas”, denuncia Francisco, ao nos desafiar “a colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação”.

Adverte os responsáveis que produzem “resíduos, muitos deles não biodegradáveis: resíduos domésticos e comerciais, detritos de demolições, resíduos clínicos, eletrônicos e industriais, resíduos altamente tóxicos e radioativos”.

Afirma também que “as mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade” e acrescenta: “muitos pobres não possuem outras disponibilidades econômicas nem outros recursos que lhes permitam adaptar-se aos impactos climáti-

cos ou enfrentar situações catastróficas, gozam de reduzido acesso a serviços sociais e de proteção”.

“Muitas vezes encontra-se uma cidade bela e cheia de espaços verdes e bem cuidados nalgumas áreas “seguras”, mas não em áreas menos visíveis, onde vivem os descartados da sociedade”.

Francisco denuncia comportamentos cruéis de exclusão social em suas variadas formas. “Entre os componentes sociais da mudança global, incluem-se os efeitos de algumas inovações tecnológicas, como a exclusão social, a desigualdade no fornecimento e consumo da energia e de outros serviços, a fragmentação social, o aumento da violência e o aparecimento de novas formas de agressividade social, o narcotráfico e o consumo crescente de drogas entre os mais jovens, a perda de identidade”.

São alguns sinais, entre outros,

que mostram como o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os seus aspectos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida. Alguns destes sinais são ao mesmo tempo sintomas duma verdadeira degradação social, duma silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social”.

Nos debates internacionais o problema do meio ambiente e da pobreza é periférico, não parece preocupar os negociadores. “Gostaria de assinalar que muitas vezes falta uma consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos. Estes são a maioria do planeta, milhares de milhões de pessoas. Hoje são mencionados nos debates políticos e econômicos internacionais, mas com frequência parece que os seus problemas se coloquem como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente, quando não são con-



siderados meros danos colaterais. Com efeito, na hora da implementação concreta, permanecem frequentemente no último lugar”.

Volta à agenda social a proposta de controle da natalidade, nos países em desenvolvimento. “Em vez de resolver os problemas dos pobres e pensar num mundo diferente, alguns limitam-se a propor uma redução da natalidade. Não faltam pressões internacionais sobre os países em vias de desenvolvimento, que condicionam as ajudas econômicas a determinadas políticas de “saúde reprodutiva”.

“Além disso, sabemos que se desperdiça aproximadamente um terço dos alimentos produzidos, e a comida que se desperdiça é como se fosse roubada da mesa do pobre”.

E ecologia é uma ciência mais diversificada e abrangente do que o simples controle de nascimentos. “Toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos. (...) Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fun-

damentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres”.

“Dado que o mercado tende a criar um mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos, as pessoas acabam por ser arrastadas pelo turbilhão das compras e gastos supérfluos. (...) Temos demasiados meios para escassos e raquíticos fins”.

Francisco conclui a sua exortação: “Na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu”.

E finaliza com animadora confiança: “Deus, que nos chama a uma generosa entrega e a oferecer-Lhe tudo, também nos dá as forças e a luz de que precisamos para prosseguir. No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado!”

Mundo desigual... Já perguntei a Deus: Por que Ele não fazia alguma coisa para mudar isso. “Já fiz”, Ele respondeu: “Fiz você”.

Crianças podem se apresentar em bailes funk?



Moralizar os pobres

O que se observa na sociedade brasileira é um desejo amplamente difundido de moralizar os pobres. Modos de vida, manifestações culturais, fazeres artísticos e formas de sociabilidade populares são permanentemente estigmatizados e até mesmo criminalizados.

Crianças pobres, negras, que moram nas periferias brasileiras crescem sem creches ou escolas públicas de qualidade. Desde pequenas, essas crianças compartilham de uma cultura de sobrevivência que transforma dor em arte.

Elas estão nos terreiros, soltando pipas nas lajes, nas quadras das escolas de samba e nos bailes funk. Os pais não contam com babás e têm de levar os filhos para seus divertimentos - necessário para alimentar alma e corpo para rotinas

de trabalho estafantes, com muitas horas perdidas nos deficientes transportes públicos.

Nesse contexto, o funk, assim como outras formas de diversão e lazer, pode representar também esperança. Possibilidade concreta de mudar de vida, de sonhar com reconhecimento, com a vida farta que todos queremos.

Muitos dos que se escandalizam com as performances dos MCs crianças apoiam entusiasticamente a redução da maioridade penal, a despeito de a Unesco estimar em apenas 1% os homicídios cometidos por menores de idade no Brasil.

Essa preocupação tão intensa com a “sexualização” das crianças não deveria vir acompanhada de medidas protetivas gerais e de valo-

rização da vida dos pequenos?

“Primeiro a barriga, depois a moral.” É com essa frase que o poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956) criticava a moral burguesa que busca universalizar critérios de julgamento das condutas humanas como se todos vivessemos realidades iguais.

Dizendo de outra maneira, para que todos nós pudéssemos ter nosso comportamento em sociedade avaliado pelos mesmos parâmetros teria de haver igualdade social (e não somente jurídica ou formal).

Radicalizando ainda mais, Brecht defende que em situação de escassez, material ou de direitos, não há moralidade possível. A moral depende, portanto, de condições de vida dignas, já que a precariedade é a maior imoralidade de todas.

Essas crianças, no entanto, têm contato com a morte violenta desde muito cedo. Pequenas ainda assumem tarefas como cuidar de irmãos, do lar e mesmo ajudar seus pais em trabalhos variados para garantir a sobrevivência da família.

Os olhos dessas crianças envelhecem mais cedo que seus corpos, pois elas vêm e vivem coisas que nenhuma criança deveria ver e viver. Elas são alvo e podem morrer com um tiro na cabeça, como

aconteceu há poucas semanas com o pequeno Eduardo, no Complexo do Alemão.

Ao que tudo indica, o tiro partiu da polícia e, infelizmente, não foi o único nem será o último tiro dado pelo Estado brasileiro em crianças faveladas. Só em 2012 foram mais de 30 mil jovens assassinados no Brasil, de acordo com a Anistia Internacional. Quase todos eram pobres e, em sua maioria, negros.

Não podemos esquecer, por fim, da farta contribuição midiática para a exposição do sexo e do corpo feminino como mercadorias, disponíveis para todas as idades, nos comerciais, publicações e atrações televisivas variadas.

Se estamos de fato preocupados com nossas crianças, e não apenas repetindo velhos preconceitos gerados na casa-grande, temos de ampliar sensivelmente nosso escopo de indignação.

Se para cada criança violada em seus direitos batêssemos uma panela, nosso batidão seria capaz de produzir o maior e mais ensurdecedor baile funk do mundo.

*Adriana Facina, antropóloga,
é professora do Programa de
Pós-Graduação em Antropologia
Social/Museu Nacional/UFRJ*

Transcrito da Folha de São Paulo

O Anjo do ser humano é o tempo.

Friedrich Schiller

NOSSA ÉPOCA



A política parece ter perdido suas fontes de inspiração. Já não acreditamos nos partidos políticos, e este é um sentimento quase universal, e agora podemos descrever também da nossa própria capacidade coletiva de gerir o mundo.

No que diz respeito aos grandes problemas de hoje, ninguém acerta com o que fazer. Nem nos Estados Unidos nem na Europa nem em lugar algum: mudança do clima; crise econômica; luta contra o terrorismo; confrontos religiosos e guerras civis; concentração da renda e aumento da pobreza e da miséria; a construção de um sistema internacional mais justo e democrático... Todas essas situações críticas permanecem longe da esperança de alguma solução.

Tal é a convergência de tendências e incidentes negativos que recaíram sobre nós, ocasionando problemas na economia, que pára,

na política, que se dilacera, nas ruas semeadas de desordem, nas relações internacionais, em que os erros se acumulam, que praticamente não há lugar para uma visão otimista do presente e do futuro.

Nada mais difícil do que colocar em perspectiva o presente. Na verdade, o momento em que se vive sempre tende a parecer excepcional, cheio de velozes transformações e incertezas. Mas, julgando pela experiência acumulada, há épocas em que os acontecimentos realmente aceleram-se. Como a época de Alexandre, o Grande, como a época de Leonardo da Vinci.

A partir da revolução industrial, com as primeiras máquinas, no fim do século XVIII, vivemos uma série quase infindável e vertiginosa de revoluções nos transportes, nas comunicações, no crescimento populacional, no desenvolvimento da ciência, na disseminação das tec-



nologias, na globalização dos contatos, na perda da violência e no encontro dos limites do mundo.

Hoje vivemos uma dessas épocas em que tudo parece acontecer ao mesmo tempo e escapar ao próprio controle da humanidade. Com a acumulação de um fabuloso progresso tecnológico, algumas linhas do gráfico global continuam a subir vertiginosamente, como a da tecnologia da informação, e outras tendem a precipitar-se no caos.

Muitas dessas linhas situam-se já em níveis claramente perigosos, como a desigualdade da distribuição de renda, sobretudo nas economias mais ricas, a quantidade de poluentes na atmosfera e as consequentes mudanças climáticas, potencialmente catastróficas, os crimes de massa provocados por pequenos grupos de indivíduos, a proliferação dos ataques cibernéticos, os choques anárquicos do terrorismo, a constante ameaça de crises econômicas, as crescentes dificuldades de governar, as tensões entre a vontade soberana dos Estados e a necessidade cada vez mais premente de tomar decisões em nome de toda a humanidade, a luta surda e ainda não definida entre a diversidade étnica e o racismo, a articulação cada vez mais poderosa das quadrilhas de corrupção que ameaçam a estabilidade das instituições.

A política parece ter perdido suas fontes de inspiração. Já não acreditamos nos partidos políticos,

e este é um sentimento quase universal, mas, aparentemente, continuamos a pensar que podemos confiar em um modelo de governança política, a democracia representativa, que só parece funcionar bem nos países nórdicos. Lá, mesmo quando os conservadores vencem, o padrão social-democrático permanece, porque funciona admiravelmente.

Estamos como nos anos vinte do século passado: O mundo como era, o mundo das monarquias e do equilíbrio europeu, terminara, mas o mundo novo não surgira ainda. Então, assim como agora, reinava a perplexidade. Então, essa perplexidade gerou o fascismo e o comunismo. Agora, o que gerará?

Quanto à mudança do clima, provavelmente a humanidade terá que fazer um esforço gigantesco para remediar a tempo a situação. Não é só o nível do mar que vai subir: preveem-se intensos distúrbios climáticos nos mais diferentes lugares. Podem faltar água e alimentos. E nada do que tem acontecido até agora nos autoriza a pensar que esse esforço seja realizável.

A crise econômica expôs os riscos trazidos pela forte concentração do poder financeiro em ambiente desregulado, corroeu a fé na engenharia e na arquitetura da integração europeia, e também na nossa, sul-americana, e gerou uma recessão, ou estagnação, cruel, que causou sofrimentos imerecidos, sobretudo na Europa meridional.

A crise também afetou pesadamente a confiança nos mecanismos de representação política. A esquerda não conseguiu apresentar uma proposta de superação. A direita ficou cativa da política de austeridade, ultra-conservadora e desimaginosa. As eleições nos países da União Europeia transformaram-se em um jogo de troca-troca: nos países onde a esquerda governava ganha a direita. Onde governava a direita a esquerda vence, mas logo se aquieta. Ou então não ganha ninguém e fica-se um bom tempo sem governo, sem que se note muito a diferença. A ultra-direita parece estar-se beneficiado desses acontecimentos.

Na luta contra o terrorismo a situação também tem piorado. As guerras civis aumentaram. Os chamados terroristas aperfeiçoaram sua organização e passaram a atuar junto aos chamados rebeldes, apoiados pelo Ocidente. Este, por sua vez, responde usando drones, fazendo incursões-relâmpago, praticando assassinatos seletivos, buscando terroristas pela espionagem eletrônica, ampliando o caos no Norte da África e no Leste do Mediterrâneo, onde os conflitos religiosos e guerras civis parecem não acabar e sim difundir-se. Nesses lugares já nem se pensa mais nas metas do milênio.

Na África, a pobreza e a miséria multiplicam-se. O contraste entre esse fato e um processo vertiginoso de concentração de renda que tem o epicentro em Wall Street e que se

espalha pelos centros financeiros de todo o mundo, é gritante. E as lutas por um sistema internacional mais democrático e justo se esvanecem em meio à descrença.

Nessas circunstâncias, fazer um prognóstico otimista requer quantidades extraordinárias de fé. Essas dificuldades não nos autorizam, naturalmente, a cruzar os braços e renunciar a contribuir para a construção de um mundo mais justo, ordenado e progressista. Mas que fazer para melhorar o nosso futuro? Como ocupar - nós e nossa região - um lugar mais positivo no mundo? Podemos ao menos fazer uma lista de propósitos.

Em primeiro lugar, a preservação e, mais que tudo, o aprimoramento da nossa democracia. Há lutas que são eternas mas que passam por momentos críticos. Uma delas é a luta contra a corrupção, que havemos de ganhar fazendo valer o peso da lei e a vontade da maioria. Associada a ela está a luta pela governabilidade, que envolve inevitavelmente uma reforma política que mereça o nome e nos permita eleger um Congresso menos sensível aos interesses particulares e imediatos e mais sensível ao bem público. Trata-se, sem dúvida, de uma transformação radical do modo de fazer política. Teremos coesão e coerência para fazê-lo? De que maneira?

Vários outros fatores de caráter interno clamam por soluções, como a melhora da qualidade dos serviços, públicos e privados, a recupe-

ração das instituições que cuidam da saúde e da educação, a segurança pública, o descongestionamento do sistema judiciário... Quais serão os agentes dessas transformações? Quem corrigirá os atrasos do Judiciário, quem dará solução para o sistema penitenciário, a mobilidade urbana, a incapacidade crônica de planificação do Estado?

Do ponto de vista internacional, à luz da experiência que colhemos, sobretudo nos últimos cem anos, há componentes estratégicos que merecem nossa atenção e não podem ser ignorados: o desenvolvimento dos vínculos entre os países da nossa região, o progresso econômico, político e social dos nossos povos, a garantia da paz e a luta permanente pela construção de um mundo mais democrático, mais justo e mais coerente.

Não podemos ter dúvidas quanto à importância desses objetivos e quanto a nossa plena capacidade de lutar por eles. Os avanços que logramos na nossa história recente foram notáveis e o reconhecimento da nossa capacidade de ação e da nobreza dos nossos propósitos foi universal. É evidente que precisamos dar continuidade a essa luta.

A defesa da nossa soberania, da soberania coletiva da América do Sul, a proteção de nossos territórios e de nossas costas, rica em recursos estratégicos, a capacidade de enfrentar situações de emergência requerem uma aceleração do progresso tecnológico que nos permita

eficazmente promover a defesa dos nossos interesses, sempre com harmonia dentro da nossa região.

A superação da convergência de crises globais de natureza política, econômica e social, como assinalamos acima, torna imprescindível uma reforma profunda da ONU, para que ela seja mais democrática e mais eficaz. Além de mais ágil, a ONU precisa também tomar decisões mais justas. A ordem global requer o predomínio do Direito sobre o poder. A reforma do Conselho de Segurança, cuja estrutura continua a espelhar a situação vigente em 1945, é imperativa para que o órgão mais importante das Nações Unidas possa ter a capacidade e a legitimidade necessárias a um bom ordenamento do sistema internacional.

Cada vez mais precisaremos de uma entidade capaz de agir eficácia sobre temas que interessam diretamente aos indivíduos e às coletividades humanas, como a superação das desigualdades, a valorização da diversidade, a supressão das causas do terrorismo e o respeito à privacidade dos dados pessoais dos indivíduos que cumprem a lei.

É certo que mesmo no cenário regional sul-americano, onde avançamos muito na primeira década deste século, hoje percebe-se uma ausência de liderança para dar seguimento a esse impulso. A energia que mostramos com a criação da UNASUL e outros órgãos destinados a promover, consolidar e refor-

çar nossa capacidade de ação no nível global, parece ter-se esvaído.

No entanto, seja para mobilizar a reforma da Organização das Nações Unidas e mudar as regras da convivência internacional, seja para alcançar os objetivos regionais que nos propomos, é necessário um esforço conjunto de nossos países. Nossa política multilateral, sempre

construtiva e progressista, não tem rivais e nossa circunstância geográfica o demonstra com eloquência. Alcançamos um nível de convivência harmoniosa superior ao de qualquer outra área geográfica. Renovar o Mercosul, reforçar a UNASUL e revigorar os mecanismos internacionais são tarefas coletivas que requerem um novo impulso a ser dado por nós.

Cada família do MFC

1 assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias
ASSINE OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27.249-3, agência 3139-9, do Banco do Brasil e remeta os dados pelo e-mail da Revista.

Assinatura anual: R\$ 32,00
(Trinta e dois Reais - 4 edições)

UMA ASSINATURA DE

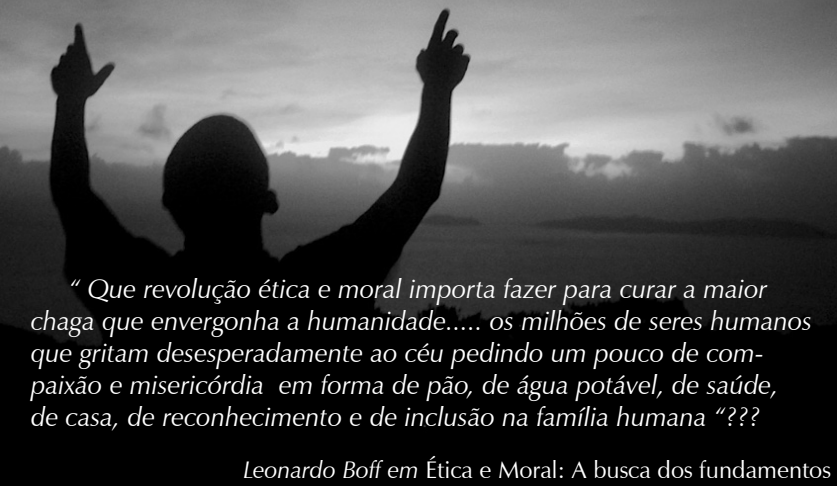
fato e razão

Tel/Fax: (32)3214-2952
- de 13:00 às 17:00 -

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO

Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520

O COMPROMISSO COM O OUTRO: um exercício de cidadania e fé na vida



“ Que revolução ética e moral importa fazer para curar a maior chaga que envergonha a humanidade..... os milhões de seres humanos que gritam desesperadamente ao céu pedindo um pouco de compaixão e misericórdia em forma de pão, de água potável, de saúde, de casa, de reconhecimento e de inclusão na família humana “???

Leonardo Boff em Ética e Moral: A busca dos fundamentos

Luiiz Carlos Torres Martins

A vida humana diferencia-se da vida animal em inúmeros aspectos bio-físico-sociais. Entretanto, nossa singularidade, o que nos faz realmente humanos, são os diversos símbolos e significados simbólicos que atribuímos a nós mesmos, aos outros e a tudo o que nos cerca e que povoa o nosso universo moral, constituído de elementos tirados da materialidade e espiritualidade das nossas vidas.

O nosso universo moral é, então, aquilo que elegemos, sozinhos, em família, em grupo ou em sociedade, e que nos faz sentir verdadeiramente humanos, dotados de um sentido de vida ao qual atribuímos valor e significados. Ao longo da nossa existência terrena elegemos o

outro como o portador desses valores e significados. Depositamos nesse outro aquilo que acreditamos ser a nossa própria essência de vida. Porém, uma série de acontecimentos cotidianos e extraordinários, muitas vezes nos coloca em conflito com esse outro e, portanto, com a nossa própria essência humana.

Superar esses conflitos é, por seu lado, um desafio muitas vezes maior que a nossa própria capacidade de discernimento e enfrentamento do problema. Diante disso estamos sempre a nos perguntar: preocupar-se e querer cuidar do outro faz sentido e significa alguma coisa para a nossa vida? A resposta ainda que cultural e socialmente deve ser sim, do ponto de vista da nossa individualidade, das nossas motivações pessoais pode, muitas

vezes, não ser tão óbvia assim.

Esse conflito que nos desvia do caminho solidário. Encontro e cuidado com o outro acaba por abalar a nossa própria essência fundadora: não existe vida humana que não tenha sido estabelecida em comunhão com o intensamente humano e com o supremo Divino. Construímos verdadeiramente a nossa humanidade na exata medida que compartilhamos experiência, significado e sentido de vida entre humanos. Não há caminho que nos faça ser diferente.

Nós, os Cristãos acreditamos, piamente, que não há caminho em sentido diverso da solidariedade e do cuidado com o outro para que possamos realizar plenamente a nossa humanidade. Esse é o verdadeiro DOM DIVINO: a comunhão humana na terra. Mas esse dom só se efetiva enquanto ação de homens e mulheres que fazem a opção pelo outro. Quanto a isto, a forma de caminhar que nos faz percorrer nosso destino é aquela que nos permite conciliar fé e política: o mundo espiritual e o mundo material que, enquanto instrumentos do supremo Divino e do intensamente humano, que nos permite uma militância de valor em prol do outro, o nosso próximo, o incrivelmente nosso semelhante.

Mas não nos basta comungar a crença no outro para a afirmação da nossa humanidade. É preciso agir em prol do outro. Nossa ação, enquanto cidadãos Cristãos, deve ser profundamente marcada pela fé que nos move e pelas estratégias que adotamos para alcançar e cuidar do outro. A nossa estratégia militante consiste em ocupar e transformar os cenários público-políticos desonrados e sem valor em cenários de efetivação do bem e do interesse público pelas coisas verdadeiramente humanas. Nossa militância, portanto, tem que ser exemplar e estar assentada naquela outra qualidade fundamental que nos separa dos animais: o trabalho transformador da nossa própria natureza. Para isso é imprescindível uma prática política transformadora e educadora dos homens e mulheres para o bem comum. E isso, acreditamos nós Cristãos, se faz com nosso trabalho abnegado porque coroado com o DOM DO ESPÍRITO SANTO.

Venha militar conosco e cuidar do outro com a determinação de quem quer construir uma NAÇÃO digna do seu povo.

*Luiz Carlos Torres Martins é
Cirurgião Dentista e Professor -
Membro da Academia Mineira
de Odontologia e do Conselho
Editorial de Fato & Razão*

***Quanto mais rico o tesouro, mais árdua a conquista.
Tesouro mais caro que a imersão feliz em Deus, não há.***

Hermógenes

Milhares de fiéis compareceram em março à Praça S. Pedro para a Audiência Geral de quarta-feira com o Papa Francisco. Como de costume, antes de pronunciar sua aula, Francisco saudou a bordo de seu papamóvel os cerca de 12 mil peregrinos, recebendo e retribuindo o carinho dos fiéis.



Ao tomar a palavra, o Pontífice prosseguiu sua série sobre a família, falando desta vez sobre os avós - tema ao qual dedicará duas catequese.

A primeira foi destinada à condição problemática dos idosos hoje na sociedade. Graças ao progresso da medicina, disse o Papa, a vida se alongou.

Mas o mesmo não aconteceu com a sociedade, que não se “alargou” à vida e não se organizou de maneira suficiente para acolhê-los. Eles são uma riqueza, não podem

ser ignorados”, exortou. Francisco citou seu predecessor. Bento XVI, quando afirmou que a qualidade de uma sociedade se julga também pelo modo como os idosos são tratados. “De fato, a atenção aos anciãos faz a diferença de uma civilização. Uma sociedade que os descarta, carrega consigo o vírus da morte”, acrescentou.

É pecado descartar os idosos

No Ocidente, os estudiosos consideram o século que vivemos como o século do envelhecimento: os filhos diminuem, os idosos

aumentam. Para Francisco, este desequilíbrio nos interpela como um grande desafio, já que a cultura do lucro insiste em mostrar os velhos como um peso.

Não se ousa dizer abertamente, mas os idosos são descartados! Isso é pecado. Há algo de vil nesta dependência à cultura do descartável. Com a intenção de remover o medo que sentimos da fraqueza e da vulnerabilidade, aumentamos nos anciãos a angústia de ser mal suportados e abandonados.”

O Pontífice contou sua experiência em Buenos Aires, quando teve a oportunidade de entrar em contato com esta realidade e os seus problemas, em que os idosos não são só abandonados na precariedade material, mas na egoística incapacidade de aceitar os seus limites que refletem os nossos limites.

E citou o caso de uma idosa que conheceu num asilo que não recebia a visita do filho há oito meses. “Isso é pecado mortal”, advertiu.

O idoso não é um alienígena

A Igreja, por sua vez, tem uma tradição de cuidado aos idosos e não pode e não quer se conformar a uma mentalidade de indiferença e desprezo em relação a eles.

Os anciãos são homens e mulheres, pais e mães que percorreram antes de nós a mesma estrada. O idoso não é um alienígena. O idoso somos nós: daqui a pouco ou muito, inevitavelmente estaremos na mesma condição.

Diante dos idosos mais frágeis, marcados pela solidão e pela doença, o Papa questiona: “Daremos um passo atrás, os abandonaremos a seu destino?”. E conclui:

Uma sociedade, onde a gratuidade e o afeto desinteressado vão desaparecendo - mesmo para com os de fora da família é uma sociedade perversa. A Igreja, fiel à Palavra de Deus, não pode tolerar tais degenerações. Onde os idosos não são honrados, não há futuro.



***Mesmo desacreditado e ignorado por todos, não posso desistir,
pois para mim, vencer é nunca desistir.***

Albert Einstein

“ País deveria se orgulhar do BNDES”

“Vocês [brasileiros] deveriam se orgulhar do BNDES. Ele dá retorno (13,05% sobre o patrimônio líquido em 2014) e isso é bom. Tem de dar mesmo para poder investir em ativos de risco”, diz Mariana Mazzucato, professora da Universidade Sussex, no Reino Unido.”

Nascida em Pádua (Itália) e criada nos Estados Unidos, Mazzucato é autora do livro “O Estado Empreendedor – Desmascarando o mito do Setor Público Vs. Setor Privado” (Portfolio Penguin).

Ela teve recentemente uma reunião com a presidente Dilma Rousseff e seis ministros, entre eles, Joaquim Levy.

Empresas inovadoras têm um alto risco e boa parte delas vai fracassar, pois entram em áreas de muita incerteza, lembra a professora.

“O BNDES, por isso, precisa ter um portfólio grande, com empresas rentáveis para compensar e investir nas novas, onde o capital privado reluta em entrar”, diz. O BNDES teve lucro de R\$ 8,6 bilhões no ano passado.

Ao argumento de bancos privados de que o BNDES, onera o Tesouro, prejudica o mercado de



capitais e oferece generosas taxas de juros com as quais não conseguem competir, Mazzucato contesta prontamente.

“Os bancos privados são inerciais, não tomam risco real ao investir. Têm de parar de reclamar e agir, assumindo riscos”. A professora refuta a visão predominante hoje de que o Estado é tão lento quanto inábil para estimular a inovação e que deve ter o menor papel possível.

“Ele tem papel crucial do ponto de vista do passado e do futuro. Cita o Vale do Silício para dizer que o investimento governamental foi fundamental para o surgimento da internet, GPS, “touchscreen” e Siri (sistema de reconhecimento de voz em celulares), sem contar a biotecnologia, nanotecnologias e as tecnologias “verdes”.

“Steve Jobs era muito inteligente, mas sem o governo americano não existiria a Apple.” O Estado não

faz tudo, mas é o gatilho na fase de alto risco, incerteza e de necessidade de muito capital, defende a autora.

Nos maiores centros de inovação como Israel, Estados Unidos e Alemanha, o Estado “empreendedor” criou novos mercados e financiou empresas. Nos EUA, o governo atuou por meio de várias agências governamentais.

No caso do Brasil e da China, a concentração de recursos não acarretaria problemas, como a escolha de campeões, nem sempre eleitos com transparência?

“Destacar o papel importante do banco público não implica em aceitar tudo o que ele faz. É preciso cobrá-lo e fazer com que invista

em inovação”, afirma.

Fundos de venture capital (investem em empresas em estágio inicial), não têm tomado risco como deveriam?

“Não como demonstram tomar”, replica.

Quanto ao ajuste fiscal e resultados de política de austeridade, mostrou-se cética. Não considera razoável que o Ministério de Ciências e Tecnologia e certos órgãos tenham recursos cortados.

O Brasil precisa decidir se quer “Apples” e “Jobs”. “Se não quiser, não precisa de investimento estatal”.

Transcrito da Folha de São Paulo

O primado da espiritualidade

Conclusão: o coração, porém, o verdadeiro seguidor de Jesus, bem longe de ligá-lo à instituição e ao seu poder, o coloca noutra lugar, muito mais alto, numa dimensão muito além da história “onde nem a traça, nem a ferrugem consomem, onde ladrões não assaltam nem roubam” (Mateus 6,20).

E daquela altura cultiva a liberdade da consciência em matéria de fé, de moral, e age de acordo, como um cristão adulto, consciente de que esta é a dimensão a que seu mestre o chama. “Já não os chamo escravos, eu vos chamo amigos” (João 15,15)

Compreende-se que não é mais a obediência à Igreja o elemento que faz de um ser humano um cristão. O critério do cristianismo autêntico procede do magistério da verdade que se diz como bem e como justiça, e que se auto comunica imediatamente à mente e ao coração.

Extraído do livro “Eu e Deus” de Vito Mancuso - Ed. Paulinas





Adital

como está ocorrendo atualmente.

Uma situação de crise generalizada no mundo e em nosso país permite muitos humores e não poucas interpretações. Toda crise é angustiante e dolorosa porque desaparecem as estrelas-guia e nos dá a impressão de um voo cego.

Como mostrou o conhecido pensador René Girard, um dos grandes estudiosos da violência, todo grupo, comunidade e sociedade precisa sempre criar um “bode expiatório” sobre o qual recaem todas as frustrações e queixas das pessoas. Ora são os comunistas, ora os subversivos, ora os homoafetivos, ora os fundamentalistas, geralmente os políticos e os governantes

Modernamente chamam a este fenômeno social complexo de bouling. Com isso se aliviam as tensões sociais e a sociedade encontra relativo equilíbrio, sempre frágil e instável. Mas criam-se também muitas vítimas, por vezes inocentes, e se deixa de reforçar o valor da convivência pacífica com os diferentes e se abre o lugar para o preconceito e para atitudes fundamentalistas que levam a exclusões dos outros com outra verdade.

Tal situação está se verificando claramente no Brasil. Praticamente não há pessoa que não expresse algum tipo de desconforto, até raiva e, no limite, ódio. Quem conhece



um pouco o discurso psicanalítico não se admira. Sabe que no ser humano agem, ao mesmo tempo, duas forças: a de sombra sob a qual cabem todas as decepções e descontentamentos face a uma situação dada, seja a saúde que não funciona, o transporte de qualidade ruim, os impostos altos, a classe política inescrupulosa e sem ligação orgânica com os eleitores, a corrupção deslavada que envolve milhões de dólares, coisa que escandaliza, revolta e cobra punições rigorosas.

Mas há também a força de luz que representa tudo o que há de bom no ser humano, a bondade, o amor, a compreensão, a amizade e, na sociedade, o sentimento de solidariedade num acidente de estrada, a cooperação ao se associar a uma ONG séria que faz trabalho coerente de resgate dos direitos humanos e da dignidade dos mais invisíveis, etc.

O desafio é sempre este: a que damos mais primazia? À sombra ou à luz? Desejável e saudável é dar maior espaço à luz. Mas há também momentos em que os fatos perversos, tornados públicos, provocam a iracúndia sagrada, o protesto explícito e a manifestação pública. A sombra tem também o seu direito, pois não é um defeito mas uma marca de nossa condição humana: iracundos e pacíficos, duros e flexíveis.

Há que se buscar a justa medida que representa o ótimo relativo, o equilíbrio entre o mais e o menos;

ou a auto-limitação que significa o sacrifício necessário para que nossa ação não seja destrutiva das relações, mas boa para todos. Uma sociedade que se civilizou procura sempre este equilíbrio. Neste grupo estão as maiorias que vivem de seu trabalho, empreendedores corretos que levam o País para frente. Pagam os salários e os impostos e, não raro, são sensíveis aos pobres e dificilmente discriminam por causa da origem, da cor ou da religião.

Atualmente constata-se um leque grande de expressões políticas, digamos de direita, de centro, de esquerda, cada qual com suas nuances. Há os que são conservadores em política, dão primazia ao princípio da ordem, mesmo admitindo que haja excessos sociais. Economicamente são até progressistas, abertos às novidades tecnológicas e administrativas.

Há os que olham o cenário mundial, onde as grandes potências ditam os rumos da história e pensam: não somos suficientemente desenvolvidos e fortes para termos um projeto próprio. É mais vantajoso caminhar com eles, mesmo como sócios menores e agregados. Assim não ficamos marginalizados e, de alguma forma, temos vantagens tecnológicas e econômicas. Estes temem projetos alternativos.

Há os que dizem que não devemos pisar nas pisadas deixadas por outros. Temos que fazer a nossa própria pisada com os recursos que

disposmos. Somos grandes, temos um povo criativo, uma natureza que nos garante que a economia futura, de base ecológica, nos fará decisivos para o futuro do planeta. Esses são alternativos e se opõem diretamente à perspectiva imperial de alinhamento ao projeto da globalização. Criticam duramente o projeto neoliberal que acumula de um lado e empobrece de outro, devastando a natureza.

Há os que não esperam nada de cima, pois a história tem mostrado que todos os projetos elaborados pelos do andar de cima sempre deixaram as grandes maiorias do andar de baixo lá onde estavam, ou simplesmente de fora. Confiam nas organizações dos movimentos sociais, articulados de tal forma que conseguem elaborar um projeto de Brasil de baixo para cima e de dentro para fora. Visam uma democracia participativa e políticas públicas que beneficiem os milhões de historicamente deixados para trás. Esses no Brasil, como em outros países da América Latina, com seus partidos, ocupa-

ram o poder de Estado. Melhoraram a situação dos mais penalizados e todos de alguma forma ganharam. Esses lutam para se garantir no poder e levar avante o projeto popular.

Mas não basta esta vontade generosa. Ela precisa vir revestida de ética e de transparência com figuras de políticos exemplares que dão corpo ao que pregam. Infelizmente isso não ocorreu, ou ocorreu de forma fragmentada e insuficiente. Não poucos sucumbiram ao arquétipo mais poderoso em nós, segundo C. G. Jung, o poder, porque nos dá a ilusão de onipotência divina, de poder decidir o destino das pessoas, além de inúmeras vantagens pessoais.

Max Weber, o mestre do estudo do poder, bem sentenciou: só exerce bem o poder quem toma distância dele e considera-o passageiro e serviço desinteressado à sociedade.

Fonte: www.leonardoboff.wordpress.com

Sobre o amor

Todos nós somos profundamente condicionados e, no momento em que amamos tomamos consciência de tal condicionamento: gostaríamos de amar mais do que amamos; ir bem longe em nosso amor; queríamos que não existisse nada de egoísmo em nós; gostaríamos de um amor puro e totalmente gratuito

Marie-Dominique Philippe

SUPLEMENTO



Entre os dias 9 a 12 de julho de 2015, vivenciou-se, em Vitória da Conquista, na Bahia, o I FESTIVAL DE ARTE E CULTURA DO MFC BRASIL, com a participação do MFC de Conquista, e de grupos vindos de outras cidades da Bahia (Jequié, Itamaraju) e de outros estados (Amapá, Maranhão, Espírito Santo, Ceará e Minas), e do México (dois jovens, representando o Secretariado latino-americano de jovens).

O objetivo proposto pelo festival foi o de reunir experiências de várias realidades brasileiras, a fim de, por meio da arte e da cultura, estimular a formação e a participação dos mefecistas, dentro de um tema proposto pelo SENJOV: Juventude como protagonista da cultura da paz.

As apresentações de teatro, música, dança, exposição de artes plásticas, foram acompanhadas de momentos de formação e celebração, com oficinas e reflexões em plenárias. O momento de socializar os trabalhos desenvolvidos pelos grupos foi bastante enriquecedor para todos e todas. A arte é um caminho de infindável riqueza, capaz de aproximar os grupos de um aprofundamento do profetismo, protagonismo e participação dos mefecistas para uma cultura da paz.

Outro ponto forte foi a homenagem feita a Charles Chaplin. Alguns de seus filmes foram lembrados pela equipe de infra-estrutura: na quinta, logo após a abertura, quando os personagens do circo entraram em cena para servir os encontristas, e na sexta a noite, a equipe do lanche entrou caracterizada pelo personagem mais famoso de Chaplin: o Vagabundo. Foram momentos de grande riqueza e estreitamento de laços da amizade.

Além disso, cabe frisar dois momentos também muito fortes durante o festival, que foram: a visita à COTEFAVE, no sábado à tarde; e a Caminhada pela Paz, no domingo de manhã; o que reforçou ainda mais o compromisso do MFC com a transformação do mundo, por meio da participação consciente de seus membros, e do sentido profético do seguimento de Jesus diante dos desafios vividos pelas famílias e pela sociedade atualmente.

Por tudo isso, o nosso festival foi um momento ímpar na história de nosso MFC. Esperamos que este momento seja, doravante, uma realidade constante na caminhada do MFC. Não apenas por estimular a participação de grupos já consolidados no trabalho de base, sobretudo com a juventude, mas por apontar novos caminhos de sensibilização para formação de novas lideranças, fator tão urgente durante as avaliações de nossos encontros nacionais.



Um tributo aos jovens, os mentores do I FAC e esperança de um MFC renovado.



Charles Chaplin, o inesquevível Carlitos, o grande homenageado se fez presente pela incansável equipe de serviço...



...que não esqueceu da grande tradição nordestina, o forró.



Os artistas de Macapá em excelente performance.

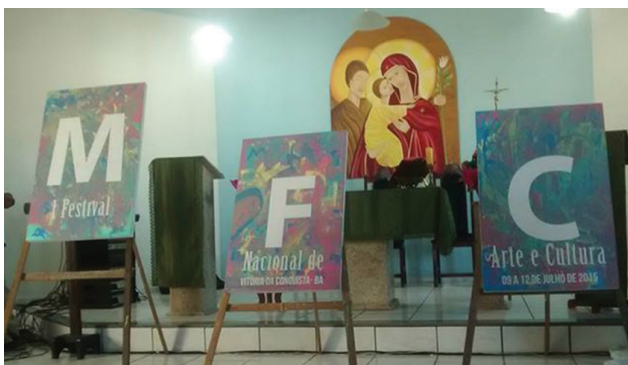


*Diversos espaços decorados
no local...*



*...transformaram-se em
cantinhos de reflexão e
espiritualização.*





Um dos locais das apresentações.

Participação dos jovens mexicanos na celebração.



Um dos palcos montados para as apresentações.



Coordenação do Festival com os mexicanos.



Acima a incansável equipe de trabalho.



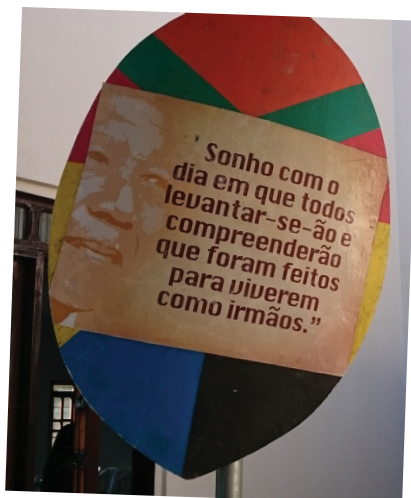
Jorge Leão, animador incansável.



Apresentação muito aplaudida.



Pausa para degustar as famosas balas de coco de Juiz de Fora.



Nesta pagina o grande destaque do I FAC: mensagens profundamente reflexivas.





Nesta página e na seguinte flagrantes da Grande Caminhada pela Paz no centro de Vitória da Conquista.





Os jovens mexicanos animando a caminhada.



O sol estava quente!...



Orando na caminhada...

Francione e Ricardo cantando Sinal Aberto, hino do XIII ENA.



A grande corrente de oração pela paz.



Padre Edilberto, um dos animadores da Caminhada da Paz.



O participante mais festejado!



Orando na caminhada...



Premiação do grupo de Jequié/BA



Concentrando para a caminhada.



Mefecistas de Vitória da Conquista marcando presença.



Pe. Edilberto apresentando a COTEVAFE ao nosso Assessor Nacional, Pe. Manu.



Pe. Manu com internos da COTEVAFE.



O grupo de Itamaraju cativando o público.



O mexicano enturmou!



Participantes do I FAC reunidos na COTEVAFE.



Hora do rango!



A mesa do forró.



O animado refeitório.



O rango do forró.



Recuperando o fôlego!



*Tudo que é bom dura pouco.
Jorge encerrando o I FAC.*



Lideranças descansando.



Coordenação do Condir Norte.



O astro de Jequié.



O grupo de Itamarajú/BA.



O Tácio (JF) também brilhou!



Arte coletiva.



Uma revelação artística de Itamaraju.



Artistas dando vida ao palco.



Participante de Itamaraju recebendo certificado.



Grupo de internos da COTEVAFE.



Esse grupo arrasou!



Belos flagrantes!!!



Essa maranhense é uma fera!





A coordenação da Fato & Razão também participou do I FAC-MFC.



Todos os participantes em grupo na foto oficial.

Que venha o
II FAC - Festival de Arte e Cultura do MFC!!!
 Quando: 2017
 Onde? Minas Gerais?!?!

O Festival sob os olhos de Pe.Manu

Gostaria compartilhar com vocês algumas destas experiências com eles, nestes dias vividos com muita intensidade seja pelas quantidades de atividades, seja pelos laços de amizade, carinho e espiritualidade vividos.

A acolhida em Vitória da Conquista como é já tradicional no MFC sempre cálida e fraterna. Todos os 150 jovens e alguns adultos fomos acolhidos nas casas dos MFC. Tudo aconteceu na Santa Paz.

Houve as apresentações dos jovens, mímica, teatro, música, danças tradicionais de cada estado, homenagem a Charles Chaplin, pinturas, visita a uma das fazendas onde se recuperam toxicômanos químicos dependentes, caminhada, orações, mística, oficinas e Eucaristia.

Importante foram as oficinas sobre temas como:

“Juventude e participação política”

“A missão profética dos jovens”,

“O ser jovem e o agir transformador do Evangelho de Jesus”

“Formação de novas lideranças: desafios e perspectivas.”

“O uso das tecnologias na formação cidadã da juventude...etc.... todas elas foram muito participativas.

As oficinas resultaram muito agradáveis e leves porque houve o cuidado de colocar entre umas e outras atividades musicais e teatrais.

Impressionante a coordenação seja das atividades sejam de dar de comer a tanta gente jovem além das comidas e merendas durante as atividades eram servidas nas salas amendoim, canjica, bolos, sucos, água, etc...etc. Assim nem precisava sair da sala porque antes de você precisar de comer ou beber já te colocavam tudo nas mãos.

Um momento de grande importância e riqueza foi a visita à fazenda COTFAVE (Comunidade Terapêutica Vida e Esperança) do Pe. Edilberto (Assessor do MFC em Vitória da Conquista) onde residem 26 rapazes tóxico dependentes.

Os residentes compartilharam suas experiências de como entraram na droga, o sofrimento que produziram aos seus pais e familiares e as dificuldades que estão tendo para ficarem livres (limpos).



Os nossos jovens também compartilharam suas experiências. Fizemos todos juntos dinâmicas, descobrimos que sofremos violência, mas também somos violentos. Rezamos juntos e merendamos lá com eles. Foi muito emocionante..., ficamos amigos e despedindo-nos deles nossas lágrimas já escorriam nos olhos de todos.

Cada dia se lembrava um filme de Charles Chaplin : “O circo” e os casais MFCistas se vestiam de palhaços, lembramos o filme do “Grande ditador “ e todos os casais vinham vestidos de Charles Chaplin..., todos entraram dentro da personagem..., foi lindo. No Sábado à noite depois da janta, dança ao som de Reggae com le-tras cristãs e outros ritmos.

No Domingo saímos em passeata pela cidade. Tudo bem organizado. Desde as paradas, os gritos de ordem, os cantos. Os policiais parando o transito na cidade. Era a marcha pela Paz, pela justiça Social. Não ao extermínio dos jovens. Não à corrupção..., não a ideologia do gênero..., Respeito, oportunidades para os jovens... Mais lugares de lazer e menos cadeias, mais escolas e menos jovens nas ruas e reclusos...etc.etc...Nossos jovens confeccionaram estes cartazes. Rezamos também pelos jovens assassinados na cidade.

A organização de novo foi ótima. Repartiram kit lanche para todos e muita água, porque fez calor e foram 4 km de caminhada até a praça da Juventude.

Chegando lá fizemos a 1ª parte da Eucaristia de uma maneira bem dinâmica e participativa. Dez jovens lembraram algum versículo ou parte do evangelho e comentava o que a Palavra de Deus lhe inspirava. Voltando à casa continuamos com a 2ª parte da Eucaristia fazendo as preces e o ofertório. Rezamos pelo Papa Francisco, pelos nossos Bispos e Sacerdotes, pelos nossos familiares e amigos falecidos especialmente os jovens que morreram prematuramente fruto da violência ou das drogas.

Ao final nos unimos todos dando-nos as mãos e rezando o Pai Nosso e a oração da Paz. Terminando com a participação da eucaristia com as duas espécies.

Depois do almoço fomos ao Teatro de Rua com um grupo de Rio Grande do Sul. Aprendemos com eles a envolver nas nossas atividades as pessoas e a participarem das mesmas.

Na segunda passeio cultural pela cidade e... despedida com lágrimas de saudades saudosas....de tudo o vivenciado....e pensando no próximo encontro, porque este foi mesmo o encontro com Cristo nos nossos irmãos.

Pe. Juan Manu, Vosso Assessor.

JUVENTUDE COMO PROTAGONISTA DA CULTURA DA PAZ

Nos tempos modernos, onde o ser humano transforma-se em objeto e o valor das coisas adquire a importância primeira, as luzes da cidade dão visibilidade à banalização da vida e à superficialidade das relações entre os seres humanos.

O dinheiro, como o grande ditador do cenário trabalhado pelas guerras e pela busca do ouro, que é o acúmulo incessante de bens materiais, passa a ser o ator protagonista das luzes da ribalta contemporânea.

Como reagir diante de um momento de crise? Que espaço tem a juventude para construir novos caminhos, no circo das tecnologias e no esvaziamento da participação cidadã?

O que um garoto nas ruas, sem família, amor e dignidade, nos traz como desafio ético e político, onde sua condição, às vezes, é menos digna do que a da vida de um cachorro abandonado? Ser jovem em tempos de negação da vida é, com isso, um de nossos maiores desafios para a construção de uma cultura da paz. O agir transformador do evangelho deve nos iluminar para que compreendamos a missão profética da juventude no mundo de hoje. “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Cf.: João 10,10). Devemos proclamar a vida, a fim de semearmos a partilha dos valores evangélicos do amor e da justiça.

Por isso também a necessidade de formação para novas lideranças, como um ardor missionário. Os desafios e perspectivas para a juventude nos tempos modernos exigem persistência, espírito de pertença e doação. Eis a nossa grande utopia. Ai de nós se não sonharmos sonhos possíveis, parafraseando o nosso educador Paulo Freire.

O mestre Jesus nos advertiu que seria estreita a porta que nos conduziria à vida (Cf. Mt 7, 13-14). No entanto, nos mandou em companhia de nossos amigos para anunciar a boa nova (Cf. Lc 10, 1). Isolados, fechados em nosso egoísmo, não levaremos adiante a construção de um novo mundo. A chegada do Reino de Deus inaugura, portanto, um novo tempo. É assim que a juventude será protagonista de uma cultura da paz, irradiando a reconciliação universal entre todos os povos, pelo vínculo fraternal do amor e da justiça. A paz é fruto da justiça. Um mundo justo, alicerçado na lei do amor, é o caminho para a construção da paz. Sejamos os autores dessa nova história, como protagonistas de uma cultura da promoção da vida, e vida em plenitude, sobretudo aos excluídos e marginalizados do mundo.

SENJOV – Secretariado Nacional de Jovens I FESTIVAL DE ARTE E CULTURA DO MFC BRASIL Vitória da Conquista - 9 a 12 de julho de 2015. (Edição 2015)





O espetáculo que a Câmara Federal está oferecendo aos brasileiros, sob a batuta de seu impetuoso atual Presidente, é, pelo menos, preocupante. A começar pela desenvoltura com que se atropela a própria Constituição, para mudá-la.

Por uma

CONSTITUINTE EXCLUSIVA

Chico Whitaker

Na verdade nada é definitivo, já que todo o decidido até agora ainda tem que passar por um segundo turno de votações na Câmara e pelos dois turnos do Senado. E a fúria e a rapidez com que a Câmara está mudando regras pode estar servindo somente para outro objetivo: fazer Eduardo Cunha aparecer como um Presidente que, finalmente, põe os deputados a trabalhar... Levando-os a enfim enfrentarem a necessidade de votar uma reformapolítica... Mas o que resultará disso tudo pode vir a ser um enorme retrocesso nas regras que definem o funcionamento de nossa assim chamada democracia.

Esses fatos tomam visível o beco quase sem saída em que estamos metidos: apesar de termos muita gente boa e séria na Câmara, as decisões estão sendo tomadas por maiorias que não analisam todas

as consequências dessas decisões, nem muito menos o que a sociedade tem a dizer sobre elas. E, o que é ainda pior, aprovam mudanças que são boas para eles e não necessariamente para a população e para a democracia. Ou seja, nossos legisladores legislam em causa própria.

Já vimos isto quando foi decidido elaborar, nos anos 80, uma nova Constituição pós ditadura militar. Foi derrotada naquela ocasião a proposta de convocação de uma Constituinte Exclusiva, pela qual seus membros seriam eleitos para essa função e a deixariam ao término-la, e um novo parlamento seria eleito e começaria a funcionar em novos moldes.

Esta proposta tinha o apoio da sociedade organizada, mas o Congresso de então aprovou a fórmula da "Constituinte Congressual", apresentada pelo Governo e que era a melhor para a "classe políti-

ca". Isto é, a missão constituinte foi entregue aos que foram em seguida eleitos para o Congresso Nacional, e que assumiram essa missão legislando obviamente em causa própria.

A consciência de estarmos presos nessa armadilha está no entanto aflorando. Desde as manifestações de descontentamento que eclodiram em todo o país em 2013, fala-se que, entre tudo que precisa mudar em nosso país, há uma reforma básica a fazer a política. E o sentido dessa reivindicação é o de democratizarmos o processo decisório na política, com participação e controle social e "representantes" eleitos para os poderes Executivo e Legislativo (e por que não para o Judiciário?) que realmente "representem" os anseios da maioria de nosso povo. Ou seja, estejam voltados para o Bem Comum e não para seus próprios interesses e para os interesses dos que financiem suas campanhas, nem busquem a perpetuação de seu poder ou de sua condição de "representantes".

O sentimento geral em 2013 era de que só assim se poderia construir uma real democracia social, cultural e econômica, que abrisse caminho para a prevalência da justiça e da paz e para a superação da desigualdade (assim como da corrupção) em nosso país.

Ao mesmo tempo ganha espaço uma proposta que desde então vem sendo levantada, tendo sido encampada pela própria Presidente da República ao ter que falar ao país depois da perplexidade geral

provocada pelas manifestações daquele ano: para fazer uma real e completa reforma política, livre da legislação em causa própria, teríamos que eleger uma "Constituinte Exclusiva". E de fato esse parece ser o único caminho possível para nos desvencilharmos da armadilha.

É mais ou menos evidente que não se trataria de uma Constituinte de revisão constitucional geral. Seria mais propriamente um "Corpo Constituinte" - a ser dissolvido após o término de seu trabalho - eleito para deliberar, paralelamente ao Congresso, sobre as mudanças a fazer nos capítulos da Constituição que tratassem de eleições, de representação, de composição e regras de funcionamento dos três Poderes, de seu controle pelos cidadãos e de participação dos mesmos nas decisões políticas. Obviamente os parlamentares em exercício que quisessem integrar esse "Corpo" teriam, para isso, que abdicar de seus mandatos e candidatar-se a "Constituintes", podendo naturalmente se recandidatar para a atividade parlamentar após a adoção da reforma.

Mas o dramático é que esse caminho sensato para nos desvencilharmos da armadilha também está preso no mesmo emaranhado: a convocação de uma "Constituinte Exclusiva" necessitaria de uma emenda constitucional aprovada pelos nossos atuais congressistas, cuja maioria dificilmente estará disposta a arriscar dessa forma sua sobrevivência política... Em outras palavras, estamos encerrados num círculo vicioso: a saída do círculo

está fechada nele mesmo.

O único caminho a seguir, sem nos afastarmos da democracia - a duras penas conquistada e única alternativa política aceitável - é a demorada, trabalhosa e difícil mobilização da sociedade para pressionar nosso Congresso. Somente sob essa pressão ele aprovaria a convocação de um "corpo constituinte" para fazer a reforma política de que o Brasil precisa, na necessária perspectiva de democratização do poder decisório em todos os setores e níveis do Estado.

Quando os setores sociais que propunham em 1985 uma "Constituinte Exclusiva" perderam essa batalha, o Plenário Pró-Participação Popular na Constituinte - movimento social voltado especificamente, naqueles anos, para a elaboração da Constituição, com seu lema "Constituinte sem povo não cria nada de novo" - se voltou para o Regimento Interno da Constituinte e conquistou espaço para as Emendas Populares ao Projeto de Constituição. E conseguiu doze milhões de assinaturas em 122 emendas que melhoraram

esse Projeto em muitos de seus artigos, entre os quais o que instituiu as Iniciativas Populares de Lei, os Plebiscitos e os Referendos - muito embora estes dois últimos instrumentos de participação popular tenham sido praticamente anulados pelos nossos "constituintes congressuais", ao reservarem para o Legislativo o poder de autorizá-los.

O exercício de elaborar uma Emenda por uma Constituinte Exclusiva já nos daria a possibilidade de indicar muitas das mudanças que essa reforma política poderia incorporar no sistema eleitoral que dela resultasse, quanto às regras e condições para candidaturas, distribuição das mesmas no território nacional, papel dos partidos e da sociedade organizada autonomamente, financiamento e caráter das campanhas, compromissos dos candidatos, etc.

Teríamos agora o ânimo e a persistência de criar um novo e vasto movimento social, indignado mas propositivo, que tivesse o objetivo de conquistar o único instrumento que pode tornar possível uma real reforma política?



O verdadeiro cristianismo rejeita a ideia de que uns nascem pobres e outros ricos, e que os pobres devem atribuir a sua pobreza à vontade de Deus."

"Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, chamam-me de comunista."



Aos Srs. Prefeitos, Presidentes e Vereadores dos Municípios, educadores e pais no Estado de São Paulo;

Nós, Bispos católicos do Estado de São Paulo (Regional Sul 1 da CNBB), no exercício de nossa missão de Pastores, queremos manifestar nosso apreço ao empenho dos Conselhos Municipais de Educação na elaboração dos Planos Municipais de Educação para o próximo decênio, a serem votados nas Câmaras Municipais. Destacamos nesses projetos, além da universalização do ensino, o empenho em colocar, como eixo orientador da educação, a inclusão social, para que uma geração nova de homens e mulheres possa se tornar construtora de uma sociedade onde todas as pessoas, grupos sociais e etnias sejam respeitados e possam participar e se beneficiar da produção dos bens materiais e culturais, numa nação cada vez mais próspera e justa. Consideramos, entretanto, oportuno e necessário esclarecer o que segue, no que se refere à ideologia de gênero, nos Planos Municipais de Educação:

A discussão dos Planos Municipais de Educação, deveria ser orientada pelo Plano Nacional de Educação (PNE), votado no Congresso Nacional e sancionado em 2014 pela Presidente da República, do qual já foram retiradas as expressões da ideologia de gênero.

Os projetos enviados aos Legislativos Municipais incluíram novamente, em suas propostas, a ideologia de gênero, como norteadora da educação, tanto como matéria de ensino, como em outras práticas destinadas a relativizar a natural diferença sexual.

A ideologia de gênero, com que se procura justificar esta “revolução cultural”, pretende que a identidade sexual seja uma construção exclusivamente cultural e subjetiva e que, consequentemente, haja outras formas igualmente legítimas de manifestação da sexualidade, devendo todas integrar o processo educacional com o objetivo de combater a discriminação das pessoas em razão de sua orientação sexual.

A ideologia de gênero subverte o conceito de família, que tem seu fundamento na união estável entre homem e mulher, ensinando que a união homossexual é igualmente núcleo fundante da instituição familiar.

As consequências da introdução dessa ideologia na prática pedagógica das escolas contradiz frontalmente a configuração antropológica de família, transmitida há milênios em todas as culturas. Isso submeteria as crianças e jovens a um processo de esvaziamento de valores cultivados na família, fundamento insubstituível para a construção da sociedade.

Diante dessa grave ameaça aos valores da família, esperamos dos governantes do Legislativo e Executivo uma tomada de posição que garanta para as novas gerações uma escola que promova a família, tal como a entendem a Constituição Federal (artigo 226) e a tradição cristã, que moldou a cultura brasileira.

Pedimos ainda que seja cumprido o que dispôs o Conselho Nacional de Educação, através da Câmara de Educação Básica, que, dispõe que o ensino religioso integra a base nacional comum da Educação Básica (na resolução número 4, de 13/07/2010, em seu artigo 14, § 1, letra F).

Seja, pois, incluído nos Planos Municipais de Educação o ensino religioso, em sintonia com a confissão religiosa da família, que tem filhos na escola.

Queremos também solidarizar-nos com todos os que sofrem discriminação na sociedade. Que as escolas ofereçam uma educação que valorize a família e a prática das virtudes, acolhendo bem a todos, seja qual for a orientação sexual.

Deus abençoe a todos que trabalham na educação das crianças, adolescentes e jovens.

Aparecida, 11 de junho de 2015.

Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer

Presidente do Conselho Episcopal Regional Sul 1 – CNBB

Dom Moacir Silva

Vice-Presidente do Conselho Episcopal Regional Sul 1 – CNBB

Dom Tarcísio Scaramussa

Secretário do Presidente do Conselho Episcopal Regional Sul 1 – CNBB

Uma conversa com Deus

Anônimo*

Deus tenho me sentido só, preciso conversar e gosto que seja com você.

Sempre pude sentir sua presença em meus momentos difíceis, quantas vezes me ajudou passar por situações as quais eu não via saída. No entanto, percebo que preciso estar aberta e com coragem para ouvir suas orientações.



Sinto um intenso sofrimento e posso perceber que sua existência vem da minha incapacidade, recusa de viver o que realmente é o presente.

Vivo, vivo e não deixo de acreditar em expectativas, promessas, projeções. Não me situo nas atitudes presentes.

Sabe Deus, não me culpo, não estou sabendo o caminho. Eu o procuro nos livros, nas conversas, nas minhas reflexões, mas o fato é que não saio do lugar comum da dor.

Não tenho me sociabilizado. Me sinto cansada o tempo todo. Não estou sabendo ser responsável pela transformação dos meus filhos em homens, homens de Deus, homens plenos em atitudes.

Quero muito ser melhor, desfrutar mais conscientemente do seu projeto para mim. Quero muito te

fazer presente em minhas atitudes.

Não acredito em igrejas, não acredito em um Deus todo poderoso, mas acredito neste Deus que sinto dentro de mim e que agradeço a meus pais terem me apresentado ele na figura do próximo, em minhas relações amorosas.

Deus você que me conhece em pensamento me ajude a clarear e aceitar meus caminhos. Me ajude a abrir meu coração para que eu não me sinta tão desolada neste mundo. Me ajude a resgatar o amor pelo meu cotidiano. A irradiar alegria e confiança. A distribuir amor como meta da minha existência.

Deus me ajude a discernir companhias, trajetórias.

Não sou muito humilde, você sabe, mas quero te ouvir pois acredito que você conhece minha paz. Preciso ser prática e alcançar patamares materiais, mas sinto uma

vontade imensa de fazer esta conquista com a força de meus sonhos, fazer estas conquistas em uma caminhada diária de prazer e realizações, tocando os corações que por minha vida passarem, correspondendo com vida as vidas que comigo caminharem.

Deus, olhe por minha mãe, pessoa que tanto amor e que não suporto ver sofrer.

Nunca quis te pedir coisas, acredito no que me deste, mas sofrer é muito difícil. Me perdoa por mi-

nhas fraquezas. O amor é sem dúvida a melhor atitude de vida, você é amor, mas quando ele dói, dói muito e assim me vejo pedindo sua ajuda, seu caminho, seu consolo.

Obrigado Deus, pela amizade de sempre, pela presença constante e desculpe por não estar sempre aberta para te perceber, para agir com você.

Grande beijo.

**Desabafo de uma filha num momento de dificuldades*

Oração pelas mães

Obrigado Senhor, pela mãe que você me deu...

por todas as Mães do Mundo

Pelas mães brancas de pele alvinha...

pelas pardas, morenas e bem pretinhas

Pelas ricas e pelas pobrezinhas

Pelas mães-titias, pelas mães vovós...

Pelas madrastas-mães... Pelas professoras-mães

Pela mãe que embala ao colo o filho que não é seu...

Pela saudade da querida mãe que já partiu...

Pelo amor latente em todas as mulheres, que desperta ao sentir desabrochar em si uma nova vida... pelo amor, maravilhoso amor que une mães e filhos... eu lhe agradeço, Senhor!



Extraído do Boletim Hífen do MFC de N. Iguaçu - RJ

Programa Nacional de Formação à Distância



CONDIN
Conselho Diretor Nacional
SENFOR
Secretariado Nacional de Formação

Continuando o programa, estamos encaminhando o texto abaixo abordando o item 1.4 da programação.

Nossa preocupação é que os textos que estão sendo propostos para estudo e reflexão, tanto nas equipes-base quanto em eventos locais de formação, sejam compreendidos por todos.

SE VOCÊ, SUA EQUIPE-BASE OU COORDENAÇÃO ESTÁ ENCONTRANDO ALGUMA DIFICULDADE EM TRABALHAR OS REFERIDOS TEXTOS, POR FAVOR, ENTRE EM CONTATO CONOSCO ATRAVÉS DO E-MAIL ABAIXO PARA QUE POSSAMOS, DE ALGUMA FORMA, AUXILIÁ-LOS NA SUA INTERPRETAÇÃO.

Desejamos a todos o melhor proveito possível, e não se esqueçam: ficamos no aguardo de um retorno pelo endereço eletrônico abaixo. Não guarde somente para si suas conclusões. Vamos exercer a PARTILHA.

mfc.livraria@gmail.com

4º MODULO - A MISSÃO EM FAVOR DA VIDA

ORAÇÃO INICIAL

Todos:

Deus

Dai-me o poder de não desanimar

De poder olhar para o futuro com alegria

De esperar todos os dias algo de bom...

Deus...

Deus... Não me deixe desistir

Levante-me os olhos para a vida,/ e que ela possa me parecer linda sempre.

Deus...

Não permita que eu saia do meu caminho, mesmo ele estando em dificuldades,/ mesmo que pareça impossível chegar ao fim.

Meu querido Deus... Não deixe que eu me esvazie,/ que me sinta triste e sem coragem.

Não deixe que eu pare diante de situações difíceis...

Que eu me distancie dos meus sonhos!

Deus

Só o Senhor tem o poder de me iluminar,/ então, faça da minha vida uma claridade plena,/ faça que meu coração sinta a luz do amor,/ e que eu possa dar amor ao meu irmão sem medir esforços.

Deus meu...

Eis um filho seu implorando ajuda,/ pois sem a sua mão estendida,/ nada

neste mundo pode ser perfeito.

Por isso, venho aos seus pés e peço:

- Me dê a chance de acertar,/ de lhe dar orgulho em ser do seu reino,/ de saber o seu valor.

Deus...

Lhe peço ainda:

Não me deixe parar nunca/ e que minhas esperanças se renovem a cada dia!

1 – INTRODUÇÃO

Coordenador:

A missão em favor da VIDA

Nunca é demais recordar que “a Eucaristia é fonte e ápice da vida cristã” (LG 11). A Eucaristia é o resumo e a suma de nossa fé. De celebração em celebração, anunciando o Mistério pascal de Jesus até que Ele venha, o povo de Deus em peregrinação avança pela porta estreita da cruz em direção ao banquete celeste (cf. CIC 1344). Ao mesmo tempo, a Eucaristia nos compromete com a promoção da vida, nos compromete com os pobres (cf. CIC 1397).

Nossa Igreja, e NÓS do MFC, devemos incentivar continuamente a formação de equipes-base, das comunidades eclesiais, de pequenos grupos de vivência cristã, círculos bíblicos e grupos de quarterião que se reúnam com frequência para crescerem no espírito evangélico e na ação missionária da Igreja. O projeto de uma

Igreja da Caridade com Amor-serviço passa necessariamente pela formação destas pequenas comunidades as quais, na continuidade da missão de Jesus em favor do Reino, promovam a vida em plenitude: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em plenitude” (Jo 10,10). (Leonardo Boff).

1ª PARTE - Leitura bíblica

No princípio criou Deus os céus e a terra. 2 A terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo, mas o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas. 3 Disse Deus: haja luz. E houve luz. 4 Viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas. 5 E Deus chamou à luz dia, e às trevas noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro. 6 E disse Deus: haja um firmamento no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. 7 Fez, pois, Deus o firmamento, e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam por cima do firmamento. E assim foi. 8 Chamou

Deus ao firmamento céu. E foi a tarde e a manhã, o dia segundo.

9 E disse Deus: Ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e apareça o elemento seco. E assim foi.

10 Chamou Deus ao elemento seco terra, e ao ajuntamento das águas mares. E viu Deus que isso era bom.

11 E disse Deus: Produza a terra relva, ervas que dêem semente, e árvores frutíferas que, segundo as suas espécies, dêem fruto que tenha em si a sua semente, sobre a terra. E assim foi.

12 A terra, pois, produziu relva, ervas que davam semente segundo as suas espécies, e árvores que davam fruto que tinha em si a sua semente, segundo as suas espécies. E viu Deus que isso era bom. 13 E foi a tarde e a manhã, o dia terceiro. 14 E disse Deus: haja luminares no firmamento do céu, para fazerem separação entre o dia e a noite; sejam eles para sinais e para estações, e para dias e anos; 15 e sirvam de luminares no firmamento do céu, para alumiar a terra. E assim foi.

16 Deus, pois, fez os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; fez também as estrelas. 17 E Deus os pôs no firmamento do céu para alumiar a terra, 18 para governar

o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas. E viu Deus que isso era bom. 19 E foi a tarde e a manhã, o dia quarto. 20 E disse Deus: Produzam as águas cardumes de seres viventes; e voem as aves acima da terra no firmamento do céu.

21 Criou, pois, Deus os monstros marinhos, e todos os seres viventes que se arrastavam, os quais as águas produziram abundantemente segundo as suas espécies; e toda ave que voa, segundo a sua espécie. E viu Deus que isso era bom. 22 Então Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas dos mares; e multipliquem-se as aves sobre a terra. 23 E foi a tarde e a manhã, o dia quinto.

24 E disse Deus: Produza a terra seres viventes segundo as suas espécies: animais domésticos, répteis, e animais selvagens segundo as suas espécies. E assim foi.

25 Deus, pois, fez os animais selvagens segundo as suas espécies, e os animais domésticos segundo as suas espécies, e todos os répteis da terra segundo as suas espécies. E viu Deus que isso era bom.

26 E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais

domésticos, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se arrasta sobre a terra. 27 Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

28 Então Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.

29 Disse-lhes mais: Eis que vos tenho dado todas as ervas que produzem semente, as quais se acham sobre a face de toda a terra, bem como todas as árvores em que há fruto que dê semente; ser-vos-ão para mantimento.

30 E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todo ser vivente que se arrasta sobre a terra, tenho dado todas as ervas verdes como mantimento. E assim foi.

31 E viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. E foi a tarde e a manhã, o dia sexto.

1.1 MEDITAÇÃO SOBRE A LEITURA BÍBLICA (O grupo faz uma reflexão)

1. Tentar sentir na narração da criação o que Deus quer de nós na construção do mundo de Hoje.

2. “Não existe meio am-

biente. Existe ambiente inteiro”, veja o ambiente que Deus nos proporcionou gratuitamente e alertou: “Esse ambiente inteiro é a comunidade de vida da qual somos parte e parcela, com a responsabilidade e missão de cuidar disso”. Como nós, em sociedade, temos nos comportado diante de toda a criação?

2ª PARTE - A MISSÃO EM FAVOR DA VIDA

Leitor 1

Leonardo Borba

“Se a juventude viesse a faltar o rosto de Deus iria mudar”. (Jorge Trevisol)

A vida nas suas diferentes formas sugere-nos o desejo de Deus, de variedades e de diferenças, em formas únicas que se enriquecem, se misturam. “Uma coisa completa a bondade da outra, ninguém se cansa de contemplar a glória de Deus” (Eccl. 42,25). “Escutando a vida por dentro, tocamos de perto o carinho com que Deus tudo cria e recria incansavelmente” (Sab. 11, 24-25). Será que conseguimos escutar Deus em nossas vidas? Como Ele se revela? A revelação divina aos homens e mulheres de hoje é sempre, inscrita no tecido da vida. E nos ensina que formar grupos que se entre ajudam, que respeitar uns aos outros e a natureza, que acolher as diferentes

formas do ser no mundo é o mandamento vital para a sobrevivência do planeta, da humanidade e da própria vida.

Para compreendê-la, é necessário uma atitude de entrega e solidariedade. É preciso um olhar de sonho e esperança para a realidade vivenciada no mundo. Sonhar, ter esperança é capacidade humana de sempre se encontrar na escuta do silêncio uma resposta do ser no mundo. E, tornar o sonho realidade viva na experiência comunitária, faz de nós, jovens e assessores, anunciadores do grande desejo humano: uma vida participativa e comprometida com o bem estar de todos (as).

A solidariedade é fruto do amor e da gratuidade de Deus, que “se fez carne e habitou entre nós” (Jo. 1,14). Estando entre nós, continua sua obra, no agir solidário de Jesus que se volta para os pobres e marginalizados, manifestando sua vontade salvífica e a justiça do seu amor. Como transmitimos o amor de Deus aos outros? O que você faz para se tornar próximo do outro?

Leitor 2

Leonardo Boff

“A espiritualidade está relacionada com aquelas qualidades do espírito humano, tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, con-

tentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia, que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros (...) Há dentro de nós uma chama sagrada coberta pelas cinzas do consumismo, da busca desenfreada de bens materiais, da compra, do negócio e do interesse. As cinzas de uma vida distraída das coisas essenciais. É preciso remover tais cinzas e despertar a chama sagrada. E então irradiaremos. Seremos como o Sol.”

Quando conhecemos o evangelho, temos a consciência que viver o projeto de Jesus é um desafio porque sabemos como Jesus agia diante de qualquer situação que atentava contra vida, como por exemplo: uma pessoa enferma, deprimida, oprimida, precisa de sentir amada, que não está só. Então, podemos dar a essa pessoa, carinho, atenção, fazer com que ela se sinta querida, importante, e que vale a pena viver. Todo bem que fazemos a alguém é a Cristo que fazemos.

Somos convidados a continuar a missão de Cristo em nossa comunidade, em nosso MFC, a missão de levar a boa notícia aos pobres, aos enfermos, aos oprimidos, lutar contra a injustiça e a desigualdade que é um grande mal no mundo nos dias de hoje. Levar a todos esperança e acreditar que é possível viver em um mundo melhor, sempre em favor da vida.

3ª PARTE - Fato Concreto - Ser defensor da Vida.

Leitor 3

Uma reportagem passada em um jornal na TV por estes dias relatou o resgate de uma criança recém-nascida que tinha sido jogada pela mãe no riacho sujo no interior de São Paulo por um homem simples, pedreiro. No momento em que vi o acontecido não tive reação imediata por causa da brutalidade feita contra um ser indefeso e sabia que, apesar de ser um atentado contra uma vida, eu não poderia de imediato ser o juiz desta mãe. Contudo, o que mais me marcou e chamou minha atenção nesta reportagem foi a atitude do pedreiro. Fiquei demasiadamente sensibilizado e me questionado se eu que sou cristão, membro do MFC e tenho uma condição de vida muito melhor do que muitos brasileiros, teria a mesma atitude e coragem daquele senhor que salvou a criança. Quando ele foi visitar o bebê no hospital foi interrogado pela repórter se gostaria de ficar com a criança ele, com um sorriso espontâneo, disse: “eu sou pedreiro tenho 7 filhos, sendo dois adotados, mas gostaria de criar este se eu pudesse levá-lo para casa”.

Sinceramente, eu não sei como vocês se sentem diante de uma resposta tão simples e com uma solidariedade e um amor incondicional em favor da defesa

da vida. Eu digo que eu sou uma pessoa cheia de boas intenções, mas falta muito para eu ser de fato um cristão de verdade.

Coordenador:

A MISSÃO DE JESUS

“Jesus veio para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Numa sociedade, porém, onde muitos são excluídos e marginalizados, sem condições de ter vida de gente, esta mensagem de vida só se faz presente na contra-mão. Pois Deus não se coloca do lado dos que crucificam, mas sim do lado dos crucificados. Numa sociedade assim, seguir Jesus para anunciar o Reino significa assumir com ele a mesma luta em defesa da vida, participar do mesmo destino, “estar com ele nas tentações” (Lc 22, 28), inclusive na perseguição (Jo 15,20; Mt 10,24-25), e na morte (Jo 11,16). Vamos ver como ele e seus discípulos realizaram a missão que receberam do Pai, como revelaram a Boa Nova do Reino ao povo da sua terra.

Jesus combate os males que estragam a vida

Jesus veio para que todos tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10). Onde podia, defendia a vida contra os males que a ameaçavam ou matavam. Através da sua ação e pregação, ele combatia:

a fome (Mc 6,35-44),
a doença (Mc 1,32-34),
a tristeza (Lc 7,13),
a ignorância (Mc 1,22; 6,2),
o abandono (Mt 9,36),
a solidão (Mt 11,28; Mc 1,40-41),
a letra que mata (Mc 2,23-28; 3,4),
a discriminação (Mc 9,38-40;
Jo 4,9-10),

as leis opressoras (Mt 23,13-15;
Mc 7,8-13),
a injustiça (Mt 5,20; Lc 22,25-26),
o medo (Mc 6,50; Mt 28,10),
os males da natureza (Mt 8,26),
o sofrimento (Mt 8,17),
o pecado (Mc 2,5),
a morte (Mc 5,41-42; Lc 7,11-17),
o demônio (Mc 1,25.34; Lc 4,13),...

Jesus luta para recuperar a bênção da vida (cf Gn 1,27-28; 12,3), perdida por causa do pecado (Gn 3,15-19). E a quem quer segui-lo, ele dá o poder de curar as doenças e de expulsar os maus espíritos (Mc 3,15; 6,7). Os discípulos e as discípulas devem assumir o mesmo combate em defesa da vida. (Frei Carlos Mesters)

3.1 Reflexão de Vida

Pelo Batismo, somos chamados a ser discípulos (a) de Jesus, convivendo com Ele participando de sua vida e unindo-se a Ele. “Sigam-me e eu farei vocês se tornarem pescadores de homens” (Mc. 1, 17). Também nos convoca a aderir e colaborar com a sua missão (DGAE, 2008-2010). Não podemos dissociar Jesus de sua missão, que nada mais era do que a defesa da vida em todas as circunstâncias. “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo. 10, 10).

O Grupo conversa sobre o Fato Concreto refletindo as ques-

tões colocadas abaixo:

1. Vamos refletir e colocar em grupo as nossas experiências em que assumimos atitudes em defesa da vida.

2. Como membro do MFC você já avaliou quais são suas atitudes de cristão diante de situações que exigem tomadas de posições em defesa da Vida.

Pistas para reflexão do Grupo (diálogo ou trabalho de grupos)

1. O grupo conversar e comparar a realidade de hoje com a do tempo de Jesus.

2. As leis que regem a sociedade hoje é um projeto que tem como objetivo a defesa da vida, de acordo com a boa nova do evangelho.

3. O MFC na realidade de cada região, cada cidade, cada bairro, cada equipe base tem feito alguma ação em defesa da vida? Qual ação esta equipe poderia assumir durante trinta dias

como uma experiência única de vocês em defesa da vida.

4ª PARTE – Oração do grupo

Oração Final:

Coordenador: A palavra “ecologia” quer dizer “estudo ou cuidado da casa”. Peçamos a Deus para que nos ajude a cuidar da nossa “casa”. Após cada invocação, digamos: Ajuda-nos, Senhor, a cuidar da nossa “casa”.

1.º Senhor, ajuda-nos a administrar a natureza de modo que haja um equilíbrio entre as necessidades humanas e o que a natureza pode oferecer.

Todos: Ajuda-nos, Senhor, a cuidar da nossa “casa”.

2.º Senhor, ajuda-nos a superar o conceito equivocado de que o ser humano é o “senhor absoluto da natureza”.

3.º Senhor, ajuda-nos a sermos verdadeiramente parte inte-

grante da natureza para convivermos harmoniosamente com ela e assim termos garantia de sobrevivência.

4.º Senhor, ajuda-nos a vivermos um compromisso sério com a preservação da natureza, já que uma das causas da deterioração do meio ambiente é a falta de compromisso e o individualismo.

Outros pedidos

Pai Nosso

ORAÇÃO

Todos: Pai querido, criador de todas as coisas boas que existem na terra: o feijão, o arroz, a verdura, a água, o ar puro, as árvores..., nós queremos dizer-te hoje um “muito obrigado” por tudo o que nos ofereces. Obrigado também pela chuva e pelo sol que ajudam a fecundar a terra fazendo a semente crescer. Pedimos que a tua presença esteja sempre conosco para Te louvar e Te bendizer hoje e sempre. Amém

Seiscentos e Sessenta e Seis

A vida é como uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são 6 horas...

Quando se vê, já é sexta-feira

Quando se vê, passaram 60 anos...

Agora, é tarde demais para ser reprovado...

E se me dessem... um dia... uma outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.

Seguia sempre, sempre em frente...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas

Mario Quintana

